# 3
# A revolução freudiana

*A normalidade é uma ficção ideal.*
Freud, 1937a.

Já vimos que a aplicação dos métodos da História Natural ao estudo da loucura permitiu um avanço do conhecimento ao longo de todo o século XIX. Pinel teve a primazia e com isso realizou a passagem da loucura à doença mental.

O manicômio foi estruturado como um aparelho de observação, classificação e cura das diversas espécies da doença mental. Embora reconhecendo a causalidade orgânica, Pinel privilegiava as causas morais como determinante na etiologia, razão pela qual o tratamento dito moral assumiu o caráter de um processo de reeducação. A instituição manicomial assumiria o papel de uma espécie de reformatório social.

Os seguidores de Pinel poderiam ser agrupados, grosso modo, em dois grandes grupos: primeiro, a corrente organicista, com os adeptos de uma causalidade orgânica para as doenças mentais; segundo, a corrente psicológica, com os adeptos de uma causalidade moral, ou espiritual, ou psicológica.

A descoberta do treponema da sífilis como agente etiológico da paralisia geral progressiva deu um grande alento à corrente organicista. Parecia ser o anúncio da vitória desse grupo, acreditou-se que prenunciava uma inexorável marcha de descobertas que, graças à anatomia patológica, a microscopia e outros meios técnicos levariam à completa elucidação dos mistérios da loucura.

Jean-Martin Charcot, médico francês, neurologista, mestre de Freud, conhecido como o César *d*a *Salpêtrière,* viveu e desenvolveu seu trabalho na segunda metade do século XIX. Herdeiro da grande clínica de Pinel e Esquirol, seguidor dos princípios da anatomopatologia de Bichat, Claude Bernard e de todos os grandes empiristas dos séculos XVIII e XIX, que privilegiavam a observação e o achado clínico em detrimento de concepções dogmáticas, Charcot destacou-se como um extraordinário neurologista. Com profundo conhecimento de anatomia e de fisiologia, descreveu com rigor inúmeros quadros neurológicos. Foi mesmo o primeiro a descrever a esclerose lateral amiotrófica.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410585/CA

A partir de 1870, o interesse de Charcot se volta para a loucura histérica. Ele abandona a neurologia e passa a estudar as diferentes formas de perturbação da sensibilidade e dos órgãos do sentido, os quais estuda por intermédio tanto das paralisias, contraturas, parestesias e anestesias, quanto das zonas histerógenas, dos pontos do corpo susceptíveis de desencadear ataques e distúrbios dos campos visual e motor _ a cegueira histérica e os ataques epiletiformes.

Charcot aborda a histeria da mesma forma que as doenças neurológicas: descreve os sintomas e classifica os diferentes quadros procurando agrupá-los em entidades clínicas diversas. Seu modelo é o da doença neurológica com suas leis e regras; seu determinismo é o da lesão material. Denominou essa meticulosa observação clínica, autêntica ascese do olhar, de "método nosológico", o qual apontava a constituição do chamado "tipo", forma completa da enfermidade na qual agrupava todos os elementos sintomáticos identificados. Era a versão canônica do quadro patológico em relação a qual a série de casos mal definidos, incompletos, as *formes frustes* podiam ser destacadas, reconhecidas, e referidas ao "tipo". Freud (1914 a) lembrou a aversão do mestre às tendências especulativas e o conselho não esquecido: "olhar as mesmas coisas repetidas vezes até que elas comecem a falar por si mesmas" (p. 33).

Não obstante essa profissão de fé no método experimental e a busca de um substrato material para a histeria, Charcot, com o seu rigor e a sua honestidade intelectual, parece encerrar nele próprio, isto é, na sua trajetória de pesquisador, os dilemas e os conflitos em disputa no campo da loucura. Começou com o estudo das afecções neurológicas com claro determinismo orgânico, e termina sua carreira especializando-se no estudo da histeria, típico exemplar de uma afecção de causalidade psicológica sem substrato anatômico.

No mundo da histeria, os estudos de Charcot foram inovadores. Não era um teórico, mas sim, como ele próprio designava, um "visual" que cultivava a nosologia para introduzir certa ordem onde reinava a confusão. Freud o compara a Pinel, ressaltando que seu gesto libertador conferiu dignidade à histeria, pois seus estudos comprovaram a autenticidade e a objetividade dos fenômenos, afastando a suposição de que eram mera simulação. Até Charcot, os histéricos eram rotulados

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410585/CA

como "doentes detestáveis" [19], e a histeria era uma espécie de *bête noire*[20] da medicina, ecos de um período histórico onde esses fenômenos eram atribuídos a imposturas do demônio.

Em 1885, Freud vai a Paris assistir ao curso de Charcot. Esse encontro marca profundamente o espírito do criador da psicanálise. No elogio póstumo, que ele fez, dias depois de sua morte, Freud fala de suas contribuições à neurologia, sua capacidade de trabalho, sua curiosidade científica e sua generosidade com os alunos. A Freud, estudante impregnado pela fisiologia da escola alemã, impressiona sobretudo o privilégio que o mestre concedia à prática clínica. Para Charcot, a clínica era soberana. Confrontado entre sua prática e as teorias de modelos fisiológicos, ele não vacilava em ficar com a primeira. Tratava as observações clínicas como fatos e delas extraiam conjecturas neurológicas, ao contrário dos clínicos alemães, que se baseavam numa teoria fisiológica para explicar os estados mórbidos.

Freud conta um episódio revelador não só da personalidade de Charcot, mas principalmente do que dele vem a marcá-lo em definitivo. Certa vez, numa reunião clínica, os estudantes estrangeiros, influenciados pelas teorias e modelos da fisiologia alemã, irritavam o mestre, questionando a validade de suas explicações. Sua experiência clínica contradizia a teoria consagrada de Young-Helmholtz, mestres da fisiologia. Charcot, interpelado, responde de uma forma que Freud não mais se esquece: "Se a teoria não concorda com a experiência clínica, tanto pior para a teoria. Os fatos clínicos têm primazia..." E acrescentou: "Teoria é bom, mas não impede de existir". [21] Essa posição de desafio, de abertura para o novo, de não submissão a idéias já estabelecidas e consagradas foi essencial na formação de Freud.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410585/CA

---

[19] Expressão atribuída a Wilhelm Griesinger (1817-1868) por Ilza Veith. Ver: Bercherie, 1983, p. 66.

[20] Freud, S. 1888, p. 79.

[21] "*La théorie, c´est bon, mais ça n´empêche pas d´exister.*" Freud, S. 1893, p. 23.

## 3.1
## A invenção da psicanálise: um novo campo de saber

Para se avaliar o passo dado por Freud, seu significado na história da filosofia e da ciência, faz-se necessário perguntar por suas linhas de filiação, de um lado e, por outro, pelo que ele inaugura.

Um bom ponto de partida talvez possa ser tomado emprestado nas reflexões do próprio Freud (1917b) ao comentar a ruptura produzida pela psicanálise no pensamento ocidental. Ele a compara com dois eventos caracterizados como feridas narcísicas da humanidade. O primeiro é atribuído a Nicolau Copérnico, que formula no século XVI a teoria do descentramento da terra, ou seja, destrói a crença vigente até então de que o universo girava em torno da terra e esta seria o centro de todo o sistema. Freud chama esta ruptura de "golpe cosmológico" ao amor próprio do homem. O segundo evento é aquele criado por Charles Darwin ao romper com a idéia de um homem soberano sobre todas as outras espécies que habitam o planeta. Freud escreve:

> O homem não é um ser diferente dos animais, ou superior a eles; ele próprio tem ascendência animal, relacionando-se mais estreitamente com algumas espécies, e mais distanciadamente com outras. As conquistas que realizou posteriormente não conseguiram apagar as evidências, tanto na sua estrutura física quanto nas suas aptidões mentais, da analogia do homem com os animais. Foi este o segundo, o golpe *biológico* no narcisismo do homem (p. 175).

Para Freud, a psicanálise vai causar a terceira ferida narcísica, a mais sensível, de natureza psicológica, isto é, a idéia de um inconsciente, de um descentramento do próprio sujeito, onde o eu não é dono nem senhor em sua própria casa, idéia por meio da qual se vislumbra o que está por vir. Depreende-se, porém, das reflexões acima seu distanciamento em relação a Descartes, com quem se inaugura, no século XVII, a questão da subjetividade enquanto problema do pensamento filosófico. Diante da incerteza quanto à realidade do mundo objetivo, Descartes afirma a certeza do *cogito*[22]. Mas se ele nos diz o que é o

[22] René Descartes (1596- 1650), que se atormentava com o problema dos acasos, sonhou com um homem livre do tempo e das contingências e, por esse sonho, foi um dos pioneiros das utopias modernas. Em sua origem, o método dedutivo de Descartes estava à procura de um ponto fixo em torno do qual giraria o conhecimento, que seria traduzido na idéia do *cogito.* Fazendo a distinção entre sujeito e objeto, e identificando a causalidade com a verdade, Descartes estabeleceu as bases para a construção do método científico.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410585/CA

pensamento, não nos responde o que é o eu. Para ele, o eu é a consciência, é uma substância pensante que, junto com a *res extensa e a res infinita,* conformam o domínio do real. A subjetividade seria dotada de idéias e princípios inatos.

O axioma cartesiano *cogito ergo sum* assinala a emergência da subjetividade mas, paradoxalmente, não do sujeito. Se o *cogito* é o fundamento reflexivo do pensamento sobre o homem, este só está presente como gênero ou como espécie. O eu não tem nenhuma concretude individual, pois não é do homem concreto que Descartes fala, mas sim de uma natureza humana, de um universal. Não afirma a singularidade do sujeito, mas a universalidade da consciência. O *logos* individual é uma manifestação do *logos* universal.

Em Descartes*,* o *cogito* é ameaçado pelo eu. A subjetividade, se ligada apenas a um sujeito individual, seria ameaçada pelo solipsismo. Nesse ponto, Deus é invocado como garantia para o nós, para a intersubjetividade, e a razão é a grande mediadora entre as várias intersubjetividades. A prova da Veracidade Divina exerce essa função e, ainda, valida a regra geral de verdade de que o entendimento finito do sujeito pensante não é capaz.

A identificação da subjetividade com a consciência parece ser um ponto inabalável não apenas do cartesianismo, mas de toda a filosofia moderna. A referência a regiões de opacidade da subjetividade não contradiz a afirmação anterior, mas é tomada como um estágio no desenvolvimento da consciência. A consciência é o absoluto. Nada pode ameaçar a certeza absoluta do *cogito*. E quase três séculos depois de Descartes, ainda é em torno dessa certeza que gira o pensamento filosófico. [23]

Descartes e a filosofia moderna, embora trazendo novas problemáticas à reflexão filosófica, permanecem ligados às mesmas exigências e aos mesmos objetivos do discurso platônico. Seu ideal continua sendo a da *episteme* platônica, isto é, o da constituição da ciência, verdadeiro conhecimento e o conhecimento da verdade. Mantém-se inalterada a crença na universalidade da verdade. No *Teeteto* de Platão já encontramos a afirmação de que a ciência (e*pisteme)* consiste na posse da verdade e que esta nada mais é do que a revelação do ser. Essa definição de ciência coincide com a definição de razão (*logos*), sendo que na língua grega a

---

[23] Esclareço que neste e nos parágrafos seguintes tomei como referência o volume sobre Descartes da coleção *Os Pensadores*, 1999.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410585/CA

mesma palavra_ *logos*_ significa razão e discurso. Daí a definição platônica de ciência como revelação do ser pelo discurso.

Platão distingue a *doxa*, a opinião, o que é da ordem dos dizeres e o que é da ordem do discurso filosófico, discurso legitimado, cujo estatuto de universalidade é fundado no princípio da não-contradição. O discurso filosófico, ao contrário da *doxa,* apresenta-se como neutro, não contaminado pelo desejo singular, como pura realização da razão. Pode-se concluir que, se a ciência é a revelação do ser pelo discurso, então há uma correspondência necessária entre o ser e o pensamento (discurso). Nisto consistiria a verdade.

É dessa tradição do pensamento filosófico ocidental que Freud vai se fazer herdeiro. Mas, ao dela se apropriar vai provocar uma ruptura fundamental ao postular o descentramento do sujeito, a disjunção entre saber, verdade e razão desde outra cena_ o inconsciente.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410585/CA

## 3.2
## O sujeito do inconsciente

Um dos aspectos mais interessantes das concepções de Freud é a ausência de uma teoria ou de um conceito de normalidade. Não há um funcionamento psíquico ou estado normal que se possa contrapor a um estado patológico. As estruturas freudianas são neurose, perversão e psicose, e todo e qualquer sujeito é pensado desde uma delas. O próprio Freud, durante sua juventude, julgava-se um neurastênico e sofria de muitas perturbações que hoje chamaríamos imprecisamente de psicossomáticas. Mais tarde, depois de seu estágio com Charcot, ele passou a se considerar paciente de si mesmo (auto-análise) e se qualificou como histérico (*A correspondência Freud/Fliess*, 1887-1904).

A questão é que a demarcação deixa de ser entre normal e patológico, loucura e razão e passa a ser entre as três formas citadas de constituição do sujeito. Freud vai contra o pensamento vigente que jogava a loucura exclusivamente sobre o doente, e aprisionava o médico em sua razão impotente ao fazer dele guardião do confinamento asilar tradicional. Insurgindo-se contra essa

natureza outra da loucura, Freud encontrou em si próprio, ou naqueles ditos normais, os mesmos mecanismos psíquicos identificados nos loucos. [24]

É sabido que, depois de um período inicial como neurologista, Freud se interessou justamente por aquelas afecções nas quais carecia um substrato anatomopatológico. Refez, a seu modo, o caminho percorrido por Charcot. No lugar das alterações funcionais, todavia, Freud situará a sexualidade. Substituirá o esquema de causalidade do mestre da *Salpêtrière*, isto é, a fórmula simples hereditariedade (a *famille névropathique*) mais causas incidentais ou traumáticas (os *agents provocateurs)* por um esquema causal bem mais sofisticado denominado "esquema das séries complementares", no qual a manifestação da neurose é resultado de um somatório de fatores, sendo o evento traumático ou *provocateur* apenas o mais recente. [25] Embora desenhado para mostrar o mecanismo de formação de sintomas neuróticos, podemos lançar mão das séries complementares para explicar qualquer tipo de manifestação ou fenômeno psíquico, seja uma paralisia histérica, seja um episódio alucinatório, seja um sonho ou um ato falho.

Nos *Estudos sobre a histeria* (1895a), Freud retoma a observação de Charcot sobre o trauma genital e lhe dá um sentido novo ao elaborar a teoria da sedução e, depois de renunciar a esta, ao inventar a noção de fantasia e situar a causa numa outra cena _ o inconsciente. Freud se lembrava da observação que, um dia, Charcot deixara escapar, nesses casos "... é sempre a coisa genital, sempre..." [26] Se a princípio pensou numa sedução real, depois Freud percebeu que existia ao lado da realidade material uma realidade psíquica igualmente importante em termos da história do sujeito.

Ao ouvir a célebre frase "isso não impede de existir", referindo-se à histeria, Freud compreendeu que o imaginário poderia fazer o corpo adoecer. E, ao ver as histéricas hipnotizadas e livres de seus distúrbios, percebeu a força terapêutica da transferência. Era o início de uma longa história, que, a partir desse ponto comum, toma outro rumo. Freud descarta a hipnose, próxima demais de um "elemento místico"; as imposições das mãos e outras pressões sobre o crânio,

---

[24] Sugiro a leitura da obra _ prima da nossa literatura, *O Alienista,* de Machado de Assis, publicada pela primeira vez em 1882.

[25] Ver: *Conferências introdutórias sobre psicanálise* (1916-17), que trata da teoria geral das neuroses.

[26] *"c´est toujours la chose génitale, toujours…,* ". Freud, S. 1914 a, p. 24.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410585/CA

ligadas às manipulações das feiticeiras; e também o face-a-face, por ser muito perturbador. Resta o dispositivo nu, a posição do paciente deitado sobre um divã e a escuta de um analista, a aposta na força das palavras. É o nascimento de algo que marcaria profundamente a cultura na modernidade. Pode-se surpreender esse momento, *in statu nascendi*, nas palavras de Freud:

> Nem sempre fui psicoterapeuta. Como outros neuropatologistas, fui preparado para empregar diagnósticos locais e eletroprognose, e ainda me surpreende que os históricos de casos que escrevo pareçam contos e que, como se poderia dizer, eles se ressintam do ar de seriedade da ciência. Devo consolar-me com a reflexão de que a natureza do assunto é evidentemente a responsável por isso, antes do que qualquer preferência minha. O fato é que o diagnóstico local e as reações elétricas não levam a parte alguma no estudo da histeria, ao passo que uma descrição pormenorizada dos processos mentais, como os que estamos acostumados a encontrar nas obras de autores imaginosos, me permite, com o emprego de algumas fórmulas psicológicas, obter pelo menos certa compreensão (insight) do curso da afecção (1895a, pp. 209-10).

Abolidos os jogos de mão, as bolas de vidência, o olhar direto: impõe-se uma simples escuta. Surge um novo campo epistemológico.

O abandono da teoria da sedução e a decifração dos sonhos lhe permitiram colocar o conflito psíquico inconsciente como a causa principal da histeria. Os sintomas histéricos seriam determinados não por lembranças ou reminiscências, mas por fantasias (1908). O sintoma, tanto quanto o sonho, o ato falho ou qualquer formação do inconsciente deve ser encarado como um modo de realização do desejo. Mas com a publicação de *A Interpretação dos sonhos* (1900), a psicanálise deixa de ser apenas o estudo da histeria, ou das neuroses, e torna-se a teoria do funcionamento psíquico em geral.

Dizer que a análise dos sonhos se tornaria a via régia do inconsciente pode ser tomado em vários sentidos. Primeiro, é o melhor meio para se chegar ao conhecimento dos pensamentos inconscientes; segundo, é o melhor meio para elaborar um conhecimento teórico do inconsciente; terceiro, é o caminho mais fácil para levar os leitores a admitir a existência do inconsciente. Esses três sentidos, que se reduzem a apenas um, assinalam o passo dado por Freud com a publicação da interpretação dos sonhos: a psicanálise deixa de estar confinada à patologia. Os mecanismos que Freud elucida no inconsciente estão presentes em qualquer sujeito. O mecanismo que está na base da alienação e do sofrimento

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410585/CA

humano_ a imputação a outro daquilo que o sujeito rechaça_ é colocado em evidência no interior de cada um.

A continuidade entre o sonho, essa espécie de fenômeno "patológico" normal, e os fenômenos e os sintomas neuróticos foi ressaltada por Freud no prefácio da primeira edição dos *Sonhos:*

> ... o sonho é o primeiro membro de uma classe de fenômenos psíquicos anormais dos quais outros membros, tais como fobias histéricas, obsessões e delírios, estão fadados, por motivos práticos, a constituir assunto de preocupação para os médicos. (...) Quem quer tenha falhado em explicar a origem das imagens oníricas quase que não pode esperar compreender as fobias, obsessões ou delírios, ou fazer com que uma influência terapêutica se faça sentir sobre elas. (p. xxxi).

É claro que o termo inconsciente já fora empregado antes de Freud, mas de uma maneira puramente adjetiva para designar simplesmente o que não era consciente. Com Freud, o inconsciente designa um sistema psíquico específico, diferente dos demais e caracterizado por leis de funcionamento próprias, adquirindo uma importância fundamental para a compreensão da subjetividade. É nesse sentido que se pode dizer que o inconsciente foi inaugurado por Freud na *Interpretação dos sonhos*, obra considerada por muitos como marco inaugural da psicanálise.

Definido como um sistema, o inconsciente freudiano se afasta das concepções antigas que o associavam a um lugar de mistério, do inefável, das divindades da noite, ou daquilo que se encontra "abaixo" da consciência. O inconsciente remete a outra cena, um sistema psíquico, que nada tem de caótico ou arbitrário. Todos os acontecimentos psíquicos são determinados. O inconsciente possui, portanto, uma ordem, uma sintaxe. Ele é estruturado. Nesse sentido, veremos adiante como, para Lacan, as descobertas de Freud encontram seu fundamento na idéia de que o inconsciente está estruturado como uma linguagem.

O texto dos *Sonhos* foi comparado por Freud a um texto a traduzir:

> "Os pensamentos oníricos e o conteúdo onírico nos são apresentados como duas versões do mesmo assunto, em duas linguagens diferentes" (1900, p. 295).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410585/CA

Para esse trabalho de tradução há que descobrir a sintaxe do inconsciente. Freud definiu dois mecanismos básicos de funcionamento: a condensação e o deslocamento.

A condensação (*Verdichtung*) significa que uma única representação pode traduzir diversas cadeias de pensamentos latentes. Embora seja um mecanismo essencial do chiste, do lapso, do esquecimento de palavras ou do sintoma neurótico, foi no sonho que melhor foi posto em evidência. É um processo econômico, na medida em que energias ligadas a várias cadeias associativas se adicionam a uma ou a poucas representações. A condensação pode ser lida como um compromisso entre o que aliena o sujeito e o que o barra ao mesmo tempo de sua alienação. Freud constata que há uma enorme diferença entre o conteúdo manifesto do sonho e os pensamentos latentes, no sentido de que o primeiro parece ser uma tradução sintética, abreviada, do segundo. Isso se deveria ao trabalho de condensação no qual uma representação pode se compor de elementos diversos que se vale de um único pensamento. O caráter lacônico do sonho tem aí uma de suas causas.

O deslocamento (*Verschiebung),* tal como a condensação, é obra da censura dos sonhos. É definido como um mecanismo pelo qual uma representação anódina ou insignificante aparece no lugar de outra particularmente significativa. Isso se deve à faculdade que tem o inconsciente, regido pelo processo primário, de deslocar energia de uma representação para outra, com o que dota de maior interesse ou esmaece uma representação ou cadeia associativa, dependendo de sua maior ou menor aceitação pela censura. Por esse meio, o interesse ou a ênfase de uma representação é susceptível de se deslocar dela para outra representação pouco intensa ao longo de uma cadeia associativa. Com seu humor peculiar, Freud (1916-7) conta uma anedota a título de ilustração desse mecanismo de deslocamento:

> Numa aldeia havia um ferreiro que cometera um crime capital. O júri decidiu que o crime deveria se punido; porém, como o ferreiro era o único na aldeia e era indispensável, e como, por outro lado, lá viviam três alfaiates, um *destes* foi enforcado em seu lugar (pp. 208-9).

O lingüista Roman Jakobson (1989) relaciona os mecanismos inconscientes acima descritos, condensação e deslocamento, com as figuras

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410585/CA

retóricas da metáfora e da metonímia, por ele consideradas como os dois pólos fundamentais da linguagem. Lacan retoma as indicações de Jakobson e assimila o deslocamento à metonímia e a condensação à metáfora. Desenvolve assim o aspecto formal e dialético do inconsciente, realçando a diferença do inconsciente freudiano com o inconsciente pré-freudiano, isto é, a noção de uma determinação simbólica vis-à-vis à noção de um não-sabido.

A apropriação da lingüística permitiu a Lacan formalizar a descoberta freudiana do inconsciente. Foi um passo adiante na teoria que, com Freud, já havia superado a concepção biológica, isto é, a versão do inconsciente como um reservatório instintivo. O inconsciente aparece estruturado como uma linguagem, destacando-se nessa formalização a sua estrutura simbólica.

Além da influência da lingüística, a leitura psicanalítica do fenômeno psicótico forneceu a Lacan o instrumental necessário à sua formalização do inconsciente. Nesse aspecto, a experiência de Lacan com pacientes psicóticos foi decisiva, dela se destacando a idéia de automatismo mental enunciada por Clérambault.[27] Tal como o automatismo mental põe em evidência, o inconsciente leva o sujeito a produzir irresistivelmente uma sucessão de pensamentos, palavras e atos que se lhe escapam. O ser falante que somos, psicóticos ou não, é um ser falado: falado por um Outro presente em nós, que nos ultrapassa independentemente do nosso querer e do nosso saber conscientes. A formulação enigmática de Lacan a respeito da relação entre o sujeito e o Outro se esclarece aqui: "... é do Outro que o sujeito recebe a própria mensagem que emite" (1960a, p.821).

O sujeito ouve-se dizer suas próprias palavras como se viesse de fora, proferidas por alguém que falasse com ele. Um paciente, por exemplo, conta um sonho e, inesperadamente, em meio ao seu relato, deixa escapar uma palavra, um nome. É assim que fala o inconsciente: ele escapa ao sujeito, para voltar ao seu ouvido. No paciente alucinado, às voltas com vozes acusadoras, ele as ouve com a dupla certeza de que vêm de fora e só se dirigem a ele. Tanto para o psicótico quanto para o neurótico o movimento retroativo é o mesmo. O neurótico ouve a

---

[27] Gaëtan de Clérambault (1872- 1934), psiquiatra francês, reconhecido por Jacques Lacan como seu "único mestre em psiquiatria", inventou a síndrome do automatismo mental. Esta síndrome coloca em evidência o caráter principalmente *anidéico* dos fenômenos que se manifestam na evolução da psicose, ou seja, não conforme a uma seqüência de idéias.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410585/CA

voz de seu inconsciente, o qual fala através dele; o psicótico tem a certeza de ser objeto de uma voz exterior que o avassala.

Em *O Seminário, livro 3*, Lacan (1955-56) nos dá numa fórmula a aproximação entre a psicose e o inconsciente: "... o psicótico é um mártir do inconsciente, dando ao termo mártir seu sentido, que é o de testemunhar" (p.153). A diferença é que o neurótico, em função do recalque, dá um testemunho encoberto, o qual é preciso decifrar, enquanto o psicótico dá um testemunho aberto. De todo modo, o psicótico atesta a força irredutível e devastadora do inconsciente.

A teorização da sexualidade infantil (Freud, 1905), entendida a sexualidade numa acepção diversa da genitalidade, levou Freud a localizar o complexo de Édipo como o conflito nuclear a partir do qual se constituí a estrutura de todo sujeito humano. A posição que o sujeito assume no complexo é que indicará a constituição de um neurótico (*Verdrangung* ou pelo mecanismo do recalque), de um perverso (*Verleugnung* ou pelo mecanismo da recusa) ou de um psicótico (*Verwerfung* ou pelo mecanismo da rejeição).

Com suas pacientes, Freud descobre um estado singular em que o sujeito sabe tudo sem o saber. De que sujeito se trata? Não é evidentemente o sujeito cartesiano, identificado com a consciência. Trata-se de algo inteiramente novo, uma espécie de *cogit*o freudiano. Se o primeiro pode ser traduzido por "penso, logo existo", o segundo encontra na proposta de Lacan uma de suas formulações mais instigantes: "penso onde não sou, logo sou onde não penso". E acrescenta em seguida: "eu não sou lá onde sou joguete do meu pensamento; penso naquilo que sou lá onde não penso pensar" (1957, p. 521).

Se Descarte apresentava o eu como lugar da verdade, o *cogito* freudiano nos revela que ele é sobretudo o lugar do ocultamento, do engano ou da defesa. O eu é uma construção imaginária. Sua pretensa unidade e sua presunção de harmonia mal escondem que há sempre discordância ou conflito. Sua pretensão de síntese repousa no desconhecimento da contradição que habita, divide e desconcerta o sujeito. A constituição do eu, a partir de uma experiência de identificação fundamental com o semelhante, na qual a criança conquista a imagem de seu próprio corpo, mostra o caráter alienado que o marca desde a origem no estádio do espelho (Lacan, 1949).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410585/CA

O conceito do estádio do espelho foi apresentado pela primeira vez em 1936, no Congresso de Marienbad, considerado primeiro pivô da intervenção de Lacan na teoria psicanalítica. [28] Trata-se do momento de constituição do eu, que se situa entre seis e 18 meses, período caracterizado por uma imaturidade do sistema nervoso. Essa imaturidade específica do homem é comprovada pelas fantasias do corpo despedaçado que se encontra nos tratamentos psicanalíticos.

A criança deveria perceber sua imagem como despedaçada, se não fosse objeto de uma captação pelo reflexo especular, que a faz se antecipar à apreensão global de seu corpo. Ela não faria, por exemplo, nenhuma diferença entre seu corpo e o de sua mãe, entre ele e o mundo exterior.

O estádio do espelho é um conceito elaborado para dar conta do narcisismo primário, do primeiro esboço do eu constituído como uma identificação no momento em que a criança assume uma imagem. Essa imagem será capaz de um efeito formador, de dar à criança um esquema corporal, conformando um corpo como uma unidade antecipada.

Nesse jogo identificatório o sujeito se vê captado por uma imagem estranha e ao mesmo tempo sua. É essa imagem especular que dá à criança a forma intuitiva de seu corpo com a realidade que a cerca. Daí, o comportamento jubilatório que essa imagem provoca na criança. Mas a imagem não é suficiente para operar a constituição do eu. Faz-se necessário algo mais, que confirme e estabilize a imagem.

O essencial no triunfo da assunção da imagem do corpo no espelho está na entrada em cena do Outro, entendido aqui não como outro especular, mas a função simbólica cujo agente é a mãe ou aquele que ocupa a função materna. Ela tem a função de autenticar a descoberta da criança. É o reconhecimento de sua mãe que opera a constituição do eu: “tu és...” é assumido como “sou eu”.

O estádio do espelho é a aventura original pela qual o homem, pela primeira vez, realiza a experiência de que ele é um homem. E isso na imagem de um outro, o outro do espelho em que ele se reconhece. É nesse outro, o semelhante, em que ele se vê e se prova e se aliena.

---

[28] É esse trabalho modificado que foi objeto da comunicação de Lacan ao XVI Congresso Internacional de Psicanálise, em 1949, e que se encontra no volume dos *Escritos* (1998).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410585/CA

O eu é a imagem do espelho em sua estrutura invertida. O sujeito se confunde com a sua imagem e em suas relações com os semelhantes manifesta-se a mesma captação imaginária do duplo. Ele se aliena também na imagem que ele projeta de si. Contudo, o sujeito ignora sua alienação e isso encerra o desconhecimento crônico do eu. Lacan cita a reação das crianças nessa fase colocadas na presença de outras. Ela imita seus gestos, tenta seduzir ou dominar, tenta enfim se situar socialmente vis-à-vis ao semelhante. Há nisso um efeito de transitivismo, uma captação pela imagem do outro, que verificamos de uma maneira destacada em alguns quadros patológicos. Também a brincadeira da criança que ao tapar os próprios olhos julga que o outro não a vê indica a instância do imaginário, da relação dual, rivalitária, da confusão entre si e o outro, a ambivalência e a agressividade estrutural do ser humano. Nisto consiste o caráter ilusório ou o fundamento imaginário do eu.

Inaugura-se uma nova subjetividade. O inconsciente implica um "não sou", pois ali o sujeito não se encontra. Há uma hiância entre pensar e ser. Ou pensar ou ser são os termos de uma alternativa irredutível. Freud não pretende apontar uma nova dimensão da consciência, um território ignoto que a marcha da consciência iria conquistar. O inconsciente não é apenas a contraface da consciência. Com a sua descoberta anunciada pelas histéricas e formalizada na *Interpretação dos sonhos*, a questão do sujeito sofre um turbilhonamento. Doravante não haverá mais como identificar a história do eu com a história do sujeito.

O sujeito do inconsciente é aquele que fala em nome de uma não universalidade ou de qualquer universal, que fala por meio ou a despeito do eu, que lhe impõe um dizer que aparece como estranho lacunar e sem sentido. Essas formações lacunares indicam o lugar do Outro onde, para Lacan, se situa a cadeia de significantes. Esse Outro é a ordem inconsciente, ordem simbólica, que se distingue do outro que é o semelhante, o outro sujeito. A ilusão de um sujeito concebido como transparência é subvertida pelo inconsciente. É do Outro que o sujeito se determina, e esse Outro, no seu desígnio, resta opaco ao saber. Dessa opacidade, que não é outra coisa senão seu ponto de falta, o desejo o divide, pois é como enigma que o Outro o interpela.

O desejo é uma relação do sujeito com a falta. Essa falta é estrutural na medida em que decorre da própria impossibilidade do Édipo. A interdição é a marca dessa impossibilidade gravada no neurótico, recusada no perverso e

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410585/CA

rejeitada no psicótico. Seja como for, é o desejo que efetua a estruturação primitiva do mundo humano, o desejo como inconsciente.

Um dos mitos fundadores da psicanálise, o caso Anna O., relatado por Breuer e Freud nos *Estudos sobre a histeria*, marcou a invenção de um método de tratamento inédito baseado na catarse ou ab-reação, liberação dos afetos recalcados. Anna O. batizou o novo tratamento com o nome de *talking cure,* a cura pela palavra e empregou a expressão *chemney-sweeping* para designar uma forma de rememoração por "limpeza de chaminé." Em outro caso dos *Estudos sobre a histeria*, a paciente Emmy von N. inventou o dispositivo analítico ao ordenar que Freud se afastasse e não a tocasse mais, abolindo a técnica de massagens então usada. Se Anna O. inventou o tratamento analítico, Emmy estabeleceu as proibições necessárias a uma nova técnica de tratamento fundamentada na retirada do olhar. Depois dela, a observação é substituída pela escuta. O médico cede lugar ao psicanalista.

Esses dois casos míticos da psicanálise são exemplares por várias razões e permitem mesmo muitas leituras, mas me interessa aqui assinalar um aspecto: a questão do saber. Pode-se dizer que Freud, em relação a sua paciente, inverteu a tradicional posição do médico. Era ela, e não ele, quem detinha um saber sobre seu sofrimento e sobre isso vinha falar. Nessa inversão e nesse reconhecimento de que havia ali um saber do qual o próprio sujeito não se dava conta, está o fundamento do método psicanalítico. Opera-se um corte em relação ao dispositivo de Charcot, que consiste em supor que o outro tem o saber e em deixar-lhe a iniciativa para ter acesso ao mesmo. Esse saber que não se sabe a si mesmo, saber não sabido, barrado pelo recalque, é o que Freud chama o inconsciente (Freud, 1895).

Há um movimento de deslocamento, de transferência de algo que Freud não sabia, mas que suportou não saber. Onde Breuer recuou assustado com o sintoma de seu próprio desejo, Freud avança não se intimidando em confrontar-se com "aquilo que, desconhecido ou despercebido dos homens, vagueia na noite através do labirinto do coração." [29]

Em uma carta a Jung (1906), Freud afirma que só o amor à verdade deve ser o motor da investigação analítica. Há aqui além do enunciado de uma posição

[29] Trata-se do discurso de Freud, na casa de Goethe em Frankfurt, em 1930.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410585/CA

ética, uma disjunção entre os termos saber e verdade. Deve-se dizer que a posição de Freud (1930a) é como ele próprio enuncia uma posição fáustica, aquele que não deixa dormir e, ao contrário, faz acordar os demônios que habitam a alma humana. Nesse sentido, a operação freudiana implica num despertar que desnuda um real que nada tem de amável e com o qual o sujeito é levado a se confrontar. A técnica freudiana consiste em colocar o sujeito neurótico entre a espada e a parede de seu desejo.

Na análise do *Homem dos Ratos* (1909), vemos Freud preocupado em estabelecer a história do sujeito, a seqüência dos acontecimentos, os incidentes, reduzirem a um esquema típico a complexidade dos fatos. Às vezes, parece sugerir ao paciente a coincidência de sua história com um esquema. Isso é claro na situação do matrimônio, na qual Freud recorre à hipótese de uma interdição paterna sobre as intenções do sujeito em relação a sua prima. Porém, o que se revela é que é a mãe e não o pai quem de fato cumpre esse papel. A reconstrução histórica empreendida no caso é materialmente inexata (Lacan, 1953). Tem-se aqui a reconstrução de uma verdade, que não é a verdade material, que não coincide com nenhuma realidade histórica, e que se poderia chamar de verdade do sujeito. Na psicanálise trata-se dessa verdade cuja função remete à Outra Cena *(eine andere Schauplatz*), o inconsciente, verdade psíquica a que Freud deu o direito à palavra.

É somente a partir do lugar do Outro, da ordem simbólica inconsciente, que se pode falar em sujeito e subjetividade em Freud. O sujeito é marcado por uma falta inaugural que remete a sua entrada no domínio do simbólico, no campo da linguagem. O Outro é concebido como um sistema de elementos significantes que permite ao sujeito falar ao outro pequeno (seu semelhante).

O sintoma é um corpo estranho, é algo que está no lugar da palavra e implica numa descontinuidade na história do sujeito. Ele representa uma falha no mecanismo de simbolização, preenche um vazio, é a presença de uma ausência. A interpretação do sintoma significa restabelecer o encadeamento significante, religar os fios com os quais o sujeito pode tecer sua trama histórica. Como já assinalei isso nada tem de exatidão ou realidade material, podendo mesmo revestir-se de uma dimensão mítica, reconstrução estruturante que apreendemos em casos diversos como no já citado *Homem dos Ratos* (1909a), em *Hans* (1909 b) e no *Homem dos Lobos* (1918).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410585/CA

Para o próprio complexo de Édipo, Freud buscou dar-lhe um fundamento histórico. Imaginou um mito, o mito da horda primitiva e o assassinato do pai primevo, ato do qual decorreu uma nova organização social fundada na culpa. A verdade objetiva dessa história foi implacavelmente contestada. Mas o próprio Freud admitiu que tal verdade fosse desnecessária, uma fantasia bastaria para produzir o mesmo efeito. É a transgressão original _ mítica ou não _ que as construções de *Totem e Tabu* (1913) vêm estabelecer. Apreendemos nesse mito de *Totem e Tabu* o que já havia registrado em relação aos casos clínicos: trata-se de efeitos de verdade, a verdade desprovida de qualquer essencialidade, mas como um lugar no qual um saber pode advir. O saber no lugar da verdade é o que define o discurso do psicanalista (Lacan, 1969-70).

## 3.3
## Édipo, alienação e separação

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410585/CA

Para introduzir os conceitos de alienação e separação escolhi um escritor que expressa com brilhantismo o que Lacan chama de alienação do homem na linguagem. Rousseau[30] glorifica e exalta as virtudes do homem primitivo e da vida antes da influência corruptora da linguagem. É um dos exercícios mais nostálgicos de que se tem notícias na história das idéias. Em tais visões nostálgicas, a linguagem é considerada a fonte de uma grande diversidade de males, as pessoas são tidas como naturalmente boas amorosas e generosas, sendo a linguagem o que permite a falsidade, a mentira, a traição e quase todos os outros defeitos atribuídos aos seres humanos. Assim a linguagem é percebida como um elemento estranho, impondo-se, de maneira inoportuna e corruptora, a uma natureza essencialmente saudável. Há uma critica às sociedades civilizadas e, ao mesmo tempo, uma idealização do homem primitivo.

A civilização é vista como responsável pela degeneração das exigências morais mais profundas da natureza humana, essencialmente boa como acredita Rousseau e sua substituição pela cultura intelectual. A uniformidade artificial do comportamento, imposta pela sociedade às pessoas, leva-as a ignorarem os deveres humanos e as necessidades naturais. Da mesma forma que a polidez e as

---

[30] Para melhor compreensão das idéias de Rousseau, consultar os dois volumes de seus escritos na coleção *Os Pensadores*, 1999.

demais regras de etiqueta podem escolher o mais vil e impiedoso egoísmo, as ciências e as artes, com todas as suas luzes, frequentemente seriam somente máscaras da vaidade e do orgulho.

Lacan desmistifica a fantasia de uma pureza originária do homem. O homem primitivo de Rousseau, ainda não pervertido pela linguagem, não passa de um saudosismo estéril. Em troca, Lacan propõe outra formulação: o sujeito surge *in initio*, no campo do Outro.

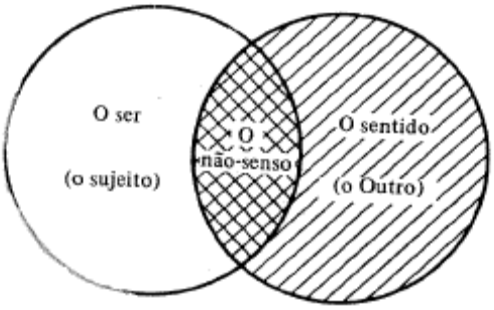
Essa formulação subverte inteiramente a idéia de um evolucionismo, de uma concepção genética. O sujeito surge no campo do Outro porque o Outro pré-existe ao sujeito. Há uma anterioridade lógica.

Em Lacan (1964a), o termo alienação é articulado ao termo separação. Ambos dizem respeito ao processo de fundação do sujeito. É um processo no qual os dois termos acima referidos nomeiam as duas operações essenciais de fundação do sujeito: alienação e separação.

Dizer que o sujeito advém no campo do Outro implica, preliminarmente, caracterizar os dois termos: sujeito e Outro. O Outro, grafado com maiúscula, distingue-se do pequeno outro, o da identificação do estado do espelho, vista anteriormente, o semelhante, o próximo, aquele que temos diante de nós. O Outro se refere ao lugar onde se situa a cadeia significante, a linguagem, representado pela letra A de *autre* em francês, campo desses vivos onde o sujeito deve advir.

Ao entrar no campo simbólico, o sujeito se faz representar por um significante, o qual está primeiramente no campo do Outro. Nessa operação de submissão ao Outro, algo do vivente fica inapelavelmente perdido. Nem o Outro é um absoluto, pois que é marcado por uma falta, daí ser grafado como $\not{A}$ ; nem o sujeito pode advir sem estar condenado a aparecer numa divisão em que temos de um lado o sentido, produzido pelo significante, de outro o *fadin*g do sujeito. Lacan (p. 200) ilustra a operação de alienação da seguinte maneira:

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410585/CA




*A alienação*

De fato, a divisão do sujeito constitui uma brecha a todos os engodos. Engodos cuja origem situa-se no fato dos enunciados que o sujeito articula sobre si mesmo sustentarem uma verdadeira mistificação na qual ele se aliena em pleno registro imaginário. Neste sentido, o advento da subjetividade que se esboça ao nível do estádio do espelho prefigura o eu como construção imaginária, a qual aparece irredutivelmente submetida à dimensão do outro. E Lacan (1954) afirma:

> O eu [*moí*] de que estamos falando é absolutamente impossível de distinguir das captações imaginárias que o constituem dos pés à cabeça, tanto em sua gênese bem como em seu status, em sua função como em sua atualidade, por um outro e para um outro (p. 375).

Em outras palavras, a dialética que sustenta nossa prática, situando-se no nível da eficácia do sujeito, obriga-nos a compreender o caráter ilusório, ou fundamento imaginário do eu. Portador ao mesmo tempo da marca do imaginário e da marca da exterioridade, o eu especular dá origem assim ao drama especificamente humano, repetido por um sujeito à procura de sua identidade. O estádio do espelho é o processo precursor desta dialética, muito mais que um desenvolvimento genético, e indica o momento de advento histórico em curso em que se organiza a estrutura do sujeito. É a fase inaugural da evolução psíquica.

O fundamental desconhecimento em que o sujeito se mantém-esse abrir-se inteiramente ao imaginário no seio da questão do ser _ demanda um outro modo de expressão: aquele mesmo que Lacan designa pelo simbólico e que já está detectado no estádio do espelho, nesse instante em que, precisamente, a criança se volta para o adulto, na procura de algum consentimento. O esboço da subjetividade, que se dá através da conquista da identidade originária, permite à criança dar inicio à sua promoção subjetiva rumo ao acesso ao simbólico pelo qual colocará um fim à relação especular com a mãe. Relação inevitável de

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410585/CA

assujeitamento ao Outro, onde a criança ganha algo: ela torna-se, em certo sentido, um dos sujeitos na linguagem, um sujeito da linguagem.

Freud (1911) fala da escolha ou eleição da neurose. Lacan sugere que há sempre algum tipo de escolha comprometida na aceitação da criança à sujeição a esse Outro. A escolha da sujeição se impõe para que o vivente advenha como um sujeito. O vivente, nossa natureza animal, morre e a linguagem surge em seu lugar. Há uma relação com o Outro, com a linguagem, isto é, como conjunto de todos os significantes. O vivente é mordido pelo significante, há um efeito de mortificação inerente a essa captura na linguagem na qual advém o sujeito representado pelo significante.

Assim, no conceito de alienação postulado por Lacan, pode-se entender a criança como tendo escolhido a sujeição à linguagem, permitindo-se ser representada por palavras. A alienação consiste na causação do sujeito pelo desejo do Outro que precedeu seu nascimento, por algum desejo que teve origem alhures.

Estará o sujeito condenado a só surgir *in initio*, no campo do Outro? Em que consiste a raiz dessa alienação? O tema da alienação, ou o que Lacan (1964a) chama de o *vel* da alienação, comporta uma lógica segundo modalidades destinadas a definir as formas de conjunção – disjunção da relação do sujeito com o Outro. O que está em jogo é a dependência do sujeito para com o Outro. A alienação consiste nesse *vel,* que condena o sujeito a só aparecer nessa divisão, que se ele aparece de um lado como sentido, produzido pelo significante, do outro ele aparece como *fading.* De qualquer forma, a alienação contempla um lugar para o sujeito no simbólico. O significante é o que tem força ôntica extraindo do real a existência que, a um só tempo, assinala e anula, engendra e mortifica.

Essa é a primeira operação necessária _e forçada _ de constituição do sujeito. Ele existe na medida em que a palavra o engendrou do nada. Antes da alienação não havia a possibilidade de ser, pois "é o próprio sujeito que não está lá no começo." [31] A alienação implica que no lugar do nada surge uma falta. O primeiro vislumbre do sujeito é essa falta. Ele falta nesse lugar designado para ele na ordem simbólica. O sujeito lacaniano está baseado na nomeação do vazio. Esse vazio está relacionado ao nome próprio do sujeito. Às vezes, esse nome é escolhido pelos pais muito antes do nascimento da criança, marca do desejo dos

---

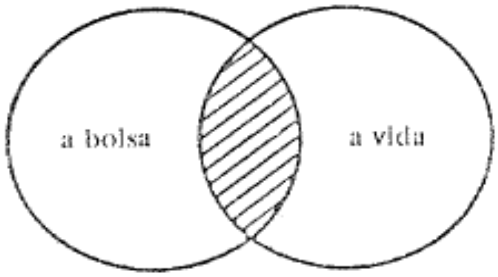
[31] *Ce qui n´est pas lá, a l´origine, c´est le sujet lui—même* (Lacan, 1966-67, p. 10).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410585/CA

pais, inscrevendo-a no simbólico. Por estranho que seja, por mais exterior, esse significante deve ser apropriado pelo sujeito, tornando-se inextricavelmente ligado a sua subjetividade. O nome representa o sujeito, torna-se o significante de sua própria ausência, substituindo-o.

A segunda operação de constituição do sujeito, a separação, quebra a circularidade da relação do sujeito ao Outro mediante uma torção essencial. Se a alienação significa a constituição de um lugar vazio no simbólico, a separação implica em assumir esse lugar, cavar um espaço singular de subjetividade.

Lacan retoma a origem etimológica da palavra: *separare*, *se parere,* que originou separar e também parir. Joga com o equívoco significante para mostrar que a origem da palavra designa em latim o engendrar, pôr no mundo, parir. Para parir um sujeito há necessidade do confronto ou interseção de duas faltas: a do sujeito e a do Outro, cuja representação Lacan (p. 201) assinala pela figura abaixo:




O sujeito encontra uma falta no Outro, na intimação mesma que lhe faz o Outro por seu discurso. Nos intervalos do discurso do Outro, naquilo que o Outro diz, surge para criança a questão: ele me diz isso, mas o que é que ele quer? Nesse deslizamento significante, nos intervalos da cadeia emerge o desejo. O desejo do Outro aparece justamente nas falhas, nas ambigüidades, nas incongruências do discurso. Lacan relaciona as perguntas das crianças, os porquês intermináveis a uma questão sobre o lugar que elas ocupam nos desejos dos pais.

Inicialmente, a criança tenta ser o objeto do desejo dos pais, tenta se encaixar nas hiâncias do seu discurso, medir o quanto é desejada por eles.

Freud recorre à tragédia grega do Édipo para falar do nascimento do sujeito enquanto sujeito do desejo. Os três tempos do mito dramatizam esse

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410585/CA

processo. No primeiro tempo, a criança mantém uma relação dual, especular com a mãe, tornando-se o desejo do desejo da mãe. Nesse tempo há uma identificação imaginária, alienante, com o outro. A criança representa o falo, isto é, o desejo do desejo da mãe. Ela não pode ser localizada ainda como um sujeito, mas como uma falta, como complemento da falta da mãe.

Esse tempo de identificação imaginária com o outro, de uma simbiose na relação mãe criança, não exclui o registro do simbólico cujo advento marca o segundo tempo. Mas o simbólico está antecipado na linguagem, na cultura, na trama dos laços sociais que sustentam e dão sentidos a cada nova existência. A criança ainda não fala, mas é falada pelos outros. Suas necessidades mais comezinhas são traduzidas em demandas, ganhando um endereçamento ao Outro. Assim, ela se faz, ganha existência e sentido desde o Outro, que lhe oferece o código simbólico.

No segundo tempo, com a entrada do pai em cena, a relação dual é substituída por outra, triádica, compondo um triângulo formado pela criança, a mãe e o pai. O pai intervém como privador tanto da criança quanto da mãe: priva a criança do objeto de seu desejo (a mãe) e priva a mãe do objeto fálico (a criança) (Lacan, 1957-58). Essa dupla privação permite à criança superar a relação dual, a díade narcísica, e ter acesso à lei do pai. É assim que a função paterna barra e transforma a unidade mãe - criança, instituindo um interdito. Neutraliza o desejo do Outro, o que Lacan indica resumidamente:

> O papel da mãe é o desejo da mãe. É capital. O desejo da mãe não é algo que se possa suportar assim, que lhes seja indiferente. Carreia sempre estragos. Um grande crocodilo em cuja boca vocês estão – a mãe é isso. Não se sabe o que lhe pode dar na telha, de estalo fechar sua bocarra. O desejo da mãe é isso. Então, tentei explicar que havia algo de tranqüilizador. (...) Há um rolo, de pedra, é claro, que lá está em potência, no nível da bocarra, e isso retém, isso emperra. É o que se chama falo. É o rolo que os põe a salvo se, de repente, aquilo se fecha (1969-70 p. 129).

Há substituição do registro do ser (ser o falo) pelo registro do ter (ter um desejo não mais onipotente, mas limitado). A castração exercida pelo pai provoca o recalque do desejo de união com a mãe. A criança deixa de ser o falo e a mãe deixa de ser a lei. Há, pois, uma operação metafórica ou de substituição, onde o desejo da mãe é substituído por um nome:

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410585/CA

$$\frac{\text{Nome-do-Pai}}{\text{Desejo da mãe}}$$

Lacan refere-se a esse elemento simbólico ativo na função paterna como o Nome -do- pai (*Le nom - du- pére*), o não do pai (*Le non – du - pére*), jogando com a equivocação produzida na língua francesa. O Nome-do–pai, segundo significante, $S_2$, vem substituir o desejo da mãe, operação metafórica que faz com que o desejo da mãe seja retroativamente simbolizado e transformado em um primeiro significante ($S_1$).

$$\frac{\text{Significante}}{\text{Desejo da mãe}}$$

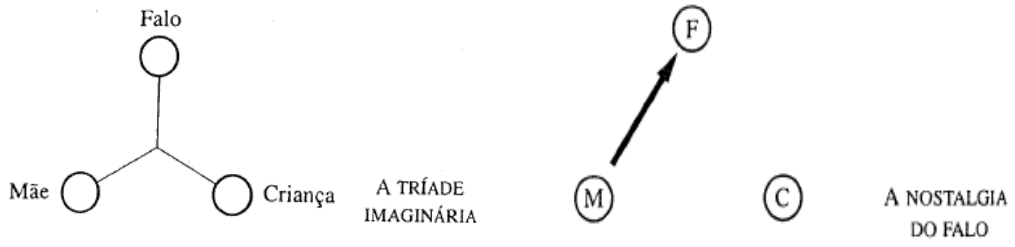
A metáfora paterna, "princípio da separação", implica numa substituição significante na medida em que um segundo significante, $S_2$, é instalado produzindo um efeito de metaforização do desejo da mãe, o qual, retroativamente, fica transformado em um primeiro significante ($S_1$).

$$\frac{S_2}{S_1}$$

É através da linguagem que uma criança pode tentar mediar o desejo do Outro, mantendo-o à distância e simbolizando. Seja nomeando esse $S_2$ com o Nome- do- pai, seja como falo, podemos tomá-lo como o significante que vem significar (substituir, simbolizar ou neutralizar) o desejo do Outro. Lacan vai grafá-lo como $S(\not{A})$ o que pode ser lido como o significante da falta do Outro ou o significante do desejo do Outro.

Em *O Seminário, livro 4* (1956-57), a respeito da relação mãe-falo-criança, Lacan indica claramente que a hiância materna, isto é, a sua castração é fundamental a liberação do desejo da criança. Ali, ela tem que descobrir esse mais além, a falta no objeto materno. Ele propõe os esquemas abaixo para figurar essa falta como, pelo menos, uma das possíveis saídas do Édipo (pp. 28-206).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410585/CA




Esse mais além, essa alguma coisa que destitui a criança do exclusivismo da relação dual, imaginária, é o que deixa esse travo de desamparo e incompletude que acompanha o sujeito por toda a vida. Nem a criança é o objeto que obtura o desejo da mãe, nem esta deixa de ser submeter à lei da castração. A metáfora paterna, substituição primordial torna possível todos os jogos de substituições característicos das relações de objeto pela vida afora.

É através da castração simbólica que a criança pode constituir-se como um eu, o que marca o terceiro tempo do Édipo. O pai deixa de ser a lei para ser o representante dela. A castração não implica mais apenas mãe e criança, mas também o pai. Ninguém é mais o falo, ninguém é mais a lei. O sujeito não é mais um mero lugar vazio no simbólico esperando ser preenchido, mas um sujeito desejante. A interiorização da lei possibilita à criança constituir-se enquanto sujeito. Separada da mãe pela interdição paterna, ela é introduzida na ordem da cultura. Marcada pela castração, que lhe deixa o travo indelével de uma falta impossível de remissão, ela se abre para o mundo e assume seu lugar na comunidade humana.

Em *La logique du fantasme*, já citado, o processo alienação-separação é acrescido por Lacan de uma dinâmica nova: a travessia ou atravessamento da fantasia fundamental. Nos termos de Lacan, o analista deve fazer *semblant* de objeto, deve se dar como causa de desejo. Aqui se deve entender o significado do objeto em psicanálise. Ele não é o objeto do desejo no sentido de alguma coisa que vem a satisfazer o sujeito. Ele não é o que pode obturar uma falta constitutiva do sujeito humano. E isso porque o objeto absoluto falta. É esse o significado mais profundo do complexo de castração. Ele é a via pela qual o sujeito pode aceder ao desejo. A falta é pois radical, inarredável, e o objeto desde sempre perdido.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410585/CA

O objeto de que se trata na psicanálise, o objeto da psicanálise, é chamado por Lacan de objeto a. Não é o que complementa, mas esse algo que sustenta a chama, a causa do desejo. O analista não deve assumir o lugar de um Outro onipotente, onisciente, dono da verdade última de todas as coisas. Se se colocasse nesse lugar, o analista estaria se propondo como um Outro a ser imitado pelo analisante, como um modelo com o qual se identificar. Ao contrário, o analista como *semblan*t de objeto a encarna uma falta, encarna a capacidade de desejar. A regra técnica de Freud sobre a necessária neutralidade do analista significa abster-se de qualquer manifestação desejante, preferências ou censuras, para deixar emergir o desejo do sujeito.

Aqui se entende a critica efetuada por Lacan (1954-55) à *ego psychology,* uma vertente da psicanálise de tradição anglo americana. Nesta, o analisante deve se identificar com o "ego forte" do analista para apoiar o seu "ego fraco". Essa direção, conforme o pensamento de Lacan, envolve um engodo, pois leva o sujeito a se alienar ainda mais no Outro. Ao observar a regra da neutralidade, ao manter seu desejo como enigmático, o analista, ao invés de tentar moldar o desejo do analisante no seu próprio, abala a configuração da fantasia, mudando a relação do sujeito com a causa de seu desejo: o objeto a.

O atravessamento da fantasia implica que o sujeito deve assumir uma nova posição diante do Outro. Nessa passagem, o sujeito assume o lugar da causa, tornando subjetiva a causa traumática de seu próprio advento como sujeito, vindo a ser onde o desejo do Outro o prefigurava. Em Freud, *ipsis verbis:*

*Wo Es war, soll Ich werden.*

A sentença de Freud (1933, p.102) tem um tom enigmático, soa como um oráculo. É tão célebre quanto controvertido o seu significado. Na *Standard Edition*, a tradução de James Strachey foi "*Where the id was, here the ego shall be".*

Lacan (1955) entende que a tradução Standard deforma seu sentido ao confundir sujeito e eu (ou ego) e conceber a análise como um processo de identificação ao analista, desconhecendo o desejo e visando à adaptação social. A tradução proposta por Lacan é bem diversa: "Lá onde era isso, o [eu] deve ser." [32]

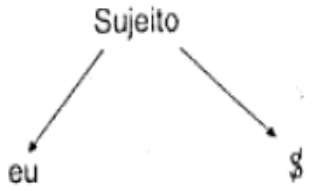
[32] *Lá où était ça, le* je *doit être* (p.427).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410585/CA

Contorna assim o caráter prescritivo da tradução inglesa e busca manter o tom enigmático da formulação de Freud. Não é o eu que deve representar o sujeito.

O que nos dizem Freud e Lacan é que o eu é ultrapassado por um sujeito que ele desconhece e lhe impõe um dizer que é vivido como estranho, rompendo com o mito da unidade do sujeito cartesiano.

Há uma operação de descentramento na qual se evidencia a divisão do sujeito.




O conceito freudiano de *Spaltung*, presente em vários de seus trabalhos desde os *Estudos sobre a histeria* até o final de sua obra, pode ser entendido no sentido de divisão originária do sujeito, decorrente da submissão ou da entrada na linguagem. Essa ordem simbólica é que faz a mediação da relação do sujeito com o real. O inconsciente é aquilo que dizemos, é o que aparece no encadeamento dos significantes, na superfície da linguagem. Isso exclui evidentemente a idéia de um inconsciente profundo e a psicanálise como uma psicologia das profundezas.

O "isso fala dele" que designa o sujeito do inconsciente constitui algo de que estamos separados, pois não estamos senão representados na linguagem. É por essa razão que o sujeito não pode, por si mesmo, falar da verdade de seu desejo. Algo desse desejo_ o "isso fala" _ está articulado na cadeia significante de seu discurso.

## 3.4
## Enunciado/ enunciação, dito/ dizer

A lingüística permite distinguir duas vertentes de um discurso: a vertente do enunciado e o ato da enunciação. O enunciado refere-se ao discurso corrente, a fala de cada um, a seqüência de significantes emitidas por um locutor. É o discurso vulgar, comum, próprio das relações sociais. A enunciação, ou ato de

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410585/CA

enunciação, é um ato individual da língua, isto é, ato de criação de um sujeito falante. A oposição que existe entre esses dois termos é da mesma natureza que se pode fazer entre fabricação e objeto fabricado.

Essa elaboração estabelece uma distância entre o sujeito da enunciação e o sujeito do enunciado, oposição essa evidenciada subjetivamente pela própria divisão do sujeito. O sujeito do enunciado é um sujeito social cuja identidade é atribuída desde fora, aos costumes, lugar das regras e das leis comunitárias; o sujeito da enunciação, ausente no enunciado, é recalcado e permanece no inconsciente. Há então uma discrepância entre a função do sujeito enunciante e o enunciado. Resulta daí a alteridade entre o discurso corrente, o discurso intencional do sujeito e o outro discurso que transcorre além do que intencionalmente o sujeito manifesta.

Há um sujeito que enuncia a mensagem e há um sujeito enunciante que não coincide com o primeiro; ou, em outras palavras, há divergência entre o conteúdo do enunciado e o fato que está em jogo no ato da enunciação.

Aquilo que é declarado, enunciado (o conteúdo) e o próprio ato de declaração ou enunciação, Lacan toma da lingüística esses dois termos e lhes dá um lugar de destaque nas suas formulações ao tratar da *Spaltung* freudiana, a divisão do sujeito. Este último termo, sujeito, é revalorizado por ele, como forma de tornar possível operar com a hipótese do inconsciente sem perder sua dimensão fundamental de não-sabido. Lacan (1957) propõe a seguinte questão:

> Qual é, pois, esse outro a quem sou mais apegado do que a mim, já que, no seio mais consentido de minha identidade comigo mesmo, é ele que me agita?

E Lacan prossegue:

> Sua presença só pode ser compreendida num segundo grau de alteridade, que já o situa, a ele mesmo, numa posição de mediação em relação a meu próprio desdobramento de mim comigo mesmo como também com o semelhante (pp. 528-9).

Nessa citação aparece nomeado de forma clara o sujeito do inconsciente em sua diferença, sua excentricidade consigo mesmo. O sujeito do inconsciente eleva à condição absoluta, isto é, sem relação, esse segundo grau de alteridade. Ele pode ser definido como uma pulsação, uma fenda por onde algo do não -

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410585/CA

sabido, do inconsciente, se abre e se fecha assim que é apreendido pela consciência. Ele é essa fenda, um corte, momento de eclipse (*fading*) que se manifesta num equívoco ou tropeço.

Convidado por Henry Ey a fazer uma intervenção no congresso de Bonneval sobre o tema do inconsciente freudiano, Lacan (1960a) especifica com maior clareza sua própria posição a esse respeito: "com o sujeito, portanto, não se fala. Isso fala dele, e é aí que ele se apreende,..." (p. 849). O "isso fala" refere-se ao sujeito na autenticidade e verdade de seu desejo. O sujeito não fala por si mesmo tal verdade, pois ele não está senão representado em seu próprio discurso. Na verdade de seu desejo, o sujeito está oculto de si mesmo pela muralha da linguagem. Isso fala dele, mas sem que ele o saiba. Assim, o desejo aparece como coextensivo do registro do inconsciente, o que não se articula senão nos desfiladeiros dos significantes, na estrutura do discurso.

A distinção entre sujeito do enunciado/ sujeito da enunciação remete diretamente à oposição fundamental estabelecida por Lacan entre o dito e o dizer.

Alguns exemplos podem esclarecer melhor essa nova oposição. Na abertura do seu artigo, "A negativa" *(Die verneinung,* 1925), Freud fornece alguns exemplos interessantes. Um paciente comenta em análise: "Agora o senhor vai pensar que quero dizer algo insultante, mas realmente não tenho essa intenção" (p. 295).

Freud observa que se trata de um repúdio do pensamento subjacente, o qual seria insultuoso para o analista. Nesse caso o dito é claro, explícito, expresso na linguagem corrente. Tão claro que o sujeito, constrangido, lança mão da negação ("não tenho essa intenção"). Partindo desse dito, por uma interpretação que despreza a negação, partícula ausente do inconsciente, Freud chega ao dizer, que indica a intenção agressiva que habita o sujeito.

Outro exemplo é o célebre "não é minha mãe", com a qual um paciente nega tratar-se de sua mãe a pessoa que lhe aparece no sonho. Freud depreende desse dito um dizer: é minha mãe! O inconsciente emerge, pois, no dizer, ao passo que no dito a verdade do sujeito se perde, por somente aparecer sob o disfarce do sujeito do enunciado. Em "O aturdito" (*L´etourdit,* 1972), encontram-se algumas afirmações de Lacan:

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410585/CA

> Partindo da locução "sem dizer, não vai" [*ça ne va pas sans dire*], vemos que esse é o caso de muitas coisas, até da maioria, inclusive da coisa freudiana, tal como a situei, como sendo o dito da verdade.

E continua:

> Assim é que o dito não vai sem o dizer. Mas, se o dito sempre se coloca como verdade, nem que seja nunca ultrapassando um meio dito..., o dizer só se emparelha com ele por lhe ex-sistir, isto é, por não ser da diz–mensão [*dit - mension*] da verdade[33] (p. 451).

Essas distinções, enunciação / enunciado e dito/ dizer, lançam luz sobre o sentido da famosa atenção flutuante instituída por Freud como atitude correlativa da livre associação do paciente. No artigo "Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise" (1912 a), Freud ensina que se deve suspender, tanto quanto possível, as motivações habituais, os valores e os julgamentos, não concedendo *a priori* nenhuma importância particular aos diversos elementos do discurso do paciente. Nessa atitude, o analista pode registrar a pluralidade de elementos cuja articulação permitirá, mais tarde, chegar às conexões inconscientes relacionadas com o desejo. Que o sujeito teça e desfie, monte e desmonte, construa e desconstrua sua história, delírios e identificações. É conhecida a metáfora telefônica:

> [O analista] deve voltar seu próprio inconsciente, como um órgão receptor, na direção do inconsciente transmissor do paciente. Deve ajustar-se ao paciente como um receptor telefônico se ajusta ao microfone... o inconsciente do médico é capaz, a partir dos derivados do inconsciente que lhe são comunicados, de reconstruir esse inconsciente, que determinou as associações livres do paciente (p. 154).

O importante, na observação de Freud, é que o analista se desvencilhe dos seus preconceitos, opiniões e valores e se deixe errar na cadeia do discurso do paciente. Abstendo-se de fazer juízo de valor, a escuta será dirigida ao registro do dizer. O analista deve estar disposto a receber a queixa como verdade, relançando - a no trabalho de associação e determinado a incluir-se no sintoma. No discurso do falante os significantes advêm através do dizer para além dos significados que

---

[33] Jogo de palavras em torno da homofonia em francês entre *dimension* (dimensão); *dit - maison* (mansão do dito); *e dit - mention* (dita menção).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410585/CA

se organizam no dito. A intervenção do analista é circunscrita à ordem do significante, pontuando o dizer por meio de uma escansão. Retomando a passagem sublinhada acima: "sem dizer, não vai", ecoa aqui a lição de Lacan em *A instância da letra no inconsciente* (1957): "não se trata de saber se falo de mim de conformidade com aquilo que sou, mas se, quando falo de mim, sou idêntico àquele de quem falo" (p. 520).

É a esse sujeito suposto no dizer, sujeito do inconsciente e do desejo, que o analista se dirige. Vai, pois, além do eu, essa miragem defensiva, imaginária com a qual o sujeito se apresenta, e visa esse outro a quem sou mais ligado que a mim, "esse que me agita". É assim que a palavra do desejo pode ser liberada, que o "isso fala" sempre mais ou menos do que o eu é capaz de admitir.

## 3.5
## Determinação/ causalidade, *tiquê* / *autômaton*

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410585/CA

Desde os *Estudos sobre histeria* percebe-se que Freud dá outro estatuto à noção de causa acidental, os *agents provocateurs*, que no esquema de Charcot ficam em segundo plano em relação aos fatores endógenos. Com esse novo estatuto da causa acidental, ou seja, a realidade externa, Freud deu um passo decisivo para a criação da condição de possibilidade do tratamento analítico Isso porque a história singular podia ocupar o centro da cena.

Na história, os acidentes são os traumas. Assim, aquilo que provoca os afetos de medo, angústia, vergonha ou dor psíquica pode atuar como trauma ou, para usar uma expressão de Freud, pode produzir uma "ferida psíquica".

Essa questão é retomada por Lacan em *O Seminário, livro 11* (1964), o que lhe permite rediscutir a relação entre a psicanálise e a ciência. Ele assinala a dificuldade de se apreender a noção de causa e, assim, coloca em cheque o próprio conceito de causalidade na ciência. Para isso, apóia-se em Kant, filósofo que prosseguiu o trabalho de Descartes de estabelecer os fundamentos filosóficos da ciência moderna. Com Kant, Lacan afirma que ao procurarmos a causa de algo damos um salto, abre-se uma fenda. Afirma mesmo que sempre que falamos em causa há algo anti-conceitual, indefinido. Destarte, só existe causa para o que falha, o que não se explica por si, o que tropeça. A causa refere-se a uma fenda, a um entalhe, a uma ferida. Nessa fenda é que Lacan situa o inconsciente freudiano.

Em conseqüência da formulação acima, Lacan questiona os fundamentos da ciência que tem como pivô o conceito de causalidade. Para ele, é o inconsciente freudiano que se situa entre a causa e o que ela afeta. O inconsciente mostra justamente a fenda onde a neurose se amarra a um real.

Não se pode esquecer que trauma deriva do grego *traumatikós,* que significa ferir, o que naturalmente remete a algo que pode ser fechado ou curado, deixando ou não cicatrizes. A neurose é a cicatriz, a tentativa de cura, comparável à função que tem o delírio na psicose.

Se o encontro com o real se apresenta pela primeira a vez a Freud sobre a forma de trauma, é justamente pelo que o trauma tem de inassimilável. O que não pode ser nomeado é o trauma, razão pela qual Lacan o identifica com "a coisa" da linguagem, o *das Ding* do Projeto (Freud, 1895 b). Contudo isso será tamponado "... pela homeostase subjetivante que orienta todo funcionamento definido pelo principio do prazer" (Lacan, 1964a, p. 57).

Mas o trauma insiste, há tropeço, há um encontro que é essencialmente faltoso, assinalando que por trás da fantasia o real está à espreita.

Os quatro termos trauma, inconsciente, neurose e cicatriz estão indissoluvelmente articulados. As formações do inconsciente são a única via pela qual se tem acesso ao trauma. Este se constitui como um furo, *trou- matisme*,[34] no centro mesmo de um sintoma ou de um ato falho, como uma espécie do umbigo do inconsciente.

Por essa via, Lacan situa a articulação trauma - inconsciente como uma condição do sujeito. Evidentemente que não se trata mais da mesma causa acidental, os *agents provocateurs* de Charcot. O que Lacan interpreta no fator acidental freudiano é que ele deixa de ser contingente para se tornar necessário à estrutura, à constituição do sujeito.

Sobre a noção de causa, Lacan apropria-se de maneira peculiar de dois modos de causação postulados por Aristóteles: *tiquê* e *autômaton.* Na Metafísica, Aristóteles distinguiu quatro causas: a formal ou essencial, a eficiente, a final (para que é feita a coisa) e a material (de que é feita a coisa). Dessa classificação,

---

[34] Neologismo cunhado por Lacan ao jogar com a homofonia de traumatisme e trou (buraco) - matisme.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410585/CA

pode-se inferir que Aristóteles pensa a natureza a partir da arte, porque haveria uma primeira referência estética.

O exemplo privilegiado é o do escultor, que, a partir de um bloco informe de material dá existência à escultura, imprimindo na matéria uma forma. A causa final, que o espectador só descobre no final da operação, deve ser concebida como estando presente para o escultor desde o início. Mas isso implica pensar também que, para Aristóteles, a causa não está separada do sujeito. Se Lacan volta até Aristóteles é porque está justamente procurando essa não separação entre causa e sujeito que se efetivou com a instauração da ciência moderna.

Aristóteles incluí a *tiquê* e o *autômaton* entre as causas acidentais.

Lacan traduz a *tiquê* aristotélica por "encontro do real" e o *autômaton* pelo "... retorno, da volta, da insistência dos signos aos quais nos vemos comandados pelo princípio do prazer" (p. 56). Distingue ainda esse retorno _ o retorno do recalcado _ da repetição traumática, que não se deixa comandar pelo princípio do prazer. Nos sonhos repetidos das neuroses traumáticas trata-se de dominar o acontecimento doloroso. Mas quem domina e quem deve ser dominado? _ pergunta Lacan. Há aqui um ponto que o sujeito só pode abordar dividindo-se assim mesmo num certo número de instâncias.

A *tiquê* é uma dimensão da repetição no registro do real e pode corresponder ao que Freud chama de núcleo patogênico, como o que é traumático para o sujeito. Real e trauma se equivalem marcando o sujeito nesse encontro desencontrado. A falta é sempre do registro do simbólico. O registro do real refere-se ao que não tem representação, o que esta fora da cadeia significante, silencioso, o que, por isso mesmo, é o impossível.

"Não há outra definição possível do real senão esta: é o impossível. Quando alguma coisa se acha caracterizada pelo impossível, esta aí apenas o real" (Lacan, 1976, p. 29). O real está para além do *autômaton,* da volta, do retorno. O real é o que vige sempre por trás do *autômaton.*

A linguagem nunca transforma completamente o real, nunca apreende tudo do real na ordem simbólica; deixa sempre um resto. Na análise, o que interessa é o que ficou de residual, o que excede ao simbólico e se torna um obstáculo para o paciente. A fixação sempre envolve algo que não é simbolizado, que se encontra sempre no mesmo lugar, que não é submetido à dialética significante.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410585/CA

Lacan toma emprestado um termo de Heidegger para se referir ao real: ele "ex-siste". Não representado, o real não é senão contornado pela linguagem.

*Autômaton*, a segunda causa acidental de Aristóteles, é o que resiste porque insiste na cadeia de significantes. Sobre a dimensão simbólica da repetição, Lacan (1964a) diz:

> Se o sujeito é o sujeito do significante _ determinado por ele _, podemos imaginar a rede sincrônica de tal modo que ela dê, na diacronia, efeitos preferenciais. Entendam bem que não se tratam de efeitos estatísticos imprevisíveis, mas que é a estrutura mesma da rede que implica os retornos. É esta a figura que toma para nós, através da elucidação do que chamamos estratégias, o *autômaton* de Aristóteles. E também, é mesmo por automatismo que traduzimos o *Zwang* da *Wiederholungszwang*, compulsão de repetição (p. 69).

O *autômaton* é aquilo que se produz à margem, tem a causa fora de si e está privado de finalidade natural. Por isso, *autômaton* designa algo que se move por si mesmo, donde, mais tarde, a idéia de autômato e a de automatismo. Assim, à imobilidade do real, como aquilo que retorna sempre no mesmo lugar, se contrapõe a mobilidade e a dialética do simbólico.

## 3.6
## A clínica sob transferência

A transmissão de um ensino, como o de Freud e Lacan, parece impossível sem o risco de uma simplificação. Meu esforço, entretanto, é fazer um recorte colocando em evidência o conceito de transferência (*Übertragung*). E nesse conceito destacar o seu eixo estrutural, o seu fundamento, uma função inédita em Freud: o sujeito suposto saber.

O conceito de transferência está presente na obra freudiana como o *modus operandi,* a mola mestra da cura e o próprio princípio de seu poder. A transferência é um conceito universal e surge bem cedo na obra de Freud. O termo aparece pela primeira vez grafado em francês, em 1888, num artigo que Freud escreveu sobre a histeria para o dicionário médico de *Villaret*: designava então o deslocamento do sintoma histérico de um lado para outro do corpo. É somente nos *Estudos sobre histeria*, porém, que a transferência, no sentido de uma conexão falsa, assume a acepção que mantém até hoje, a de envolver o analista na

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410585/CA

psicanálise de um sujeito. Nesses *Estudos* é relatada a perturbadora história de Anna O., cujos incidentes desagradáveis resultam dos fenômenos transferenciais, característicos de certos casos de histeria. No entanto, seria enfadonho estender-me aqui sobre as vicissitudes dessa paciente célebre, caso que a partir da entrada em cena de Breuer[20], em 1880, confunde-se com o próprio início da história da psicanálise.

O que é preciso dizer, em todo o caso, é que as histórias romanceadas de Bertha Von Pappenheim [21] não deixaram de suscitar forte emoção em Breuer, provocando-lhe uma perturbação tal, que ele abandonou o tratamento do caso. A fuga de Breuer ocorreu no dia em que sua paciente lhe trouxe o sintoma de seu próprio desejo _ uma pseudociese histérica! Evitou a transferência, prova da etiologia sexual das neuroses. Onde Breuer recuou, Freud avançou não se intimidando com o desconhecido ou com os erros, nem se atendo a um respeito excessivo pelo "misterioso inconsciente" (Freud, 1923). Foi essa paciente, com queixas da ordem da sexualidade, que lhe ensinou a expressão *talking cure* e lhe impôs o conhecimento da transferência na direção da cura. Acompanhemos o relato de Freud (1895) sobre esse momento inaugural da psicanálise:

> Ela apropriadamente descrevia esse método, falando seriamente, como uma "*talking cure*", enquanto se referia ao mesmo, em tom de brincadeira, como "chemney – sweeping" (p. 73).

Podemos dizer que Freud inverteu a posição tradicional do médico e, como já assinalei, ao atribuir um saber ao paciente fundou os pilares do método psicanalítico. Houve um movimento de deslocamento, de transferência de algo que Freud não sabia, mas que suportou não saber. Meio século depois, em carta datada de 2 de junho de 1932 (*Correspondance,* 1973), Freud escreveria a Stefan-Zweig dizendo que Breuer tinha na mão a chave, mas deixou-a cair. Disse ainda que Breuer, a despeito de seus dons intelectuais, nada tinha de faustiano em sua natureza. Tomado de um horror convencional, fugiu e abandonou sua paciente com um colega.

---

2 [0]Joseph Breuer (1842-1925), médico austríaco, professor na Universidade de Viena, contribuiu com Freud nos primeiros estudos sobre a histeria, garantindo lugar na história da psicanálise.

2 [1]Bertha Von Pappenheim, assistente social de profissão, primeira paciente submetida ao método de tratamento que daria origem à psicanálise, passou a história com o nome de Anna O.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410585/CA

O termo transferência não pertence somente ao vocabulário psicanalítico, possui ainda um sentido mais geral, assim como transferência de objetos, pessoas e sentimentos. Assim, a transferência é um fenômeno da vida cotidiana, aparece nas relações diárias entre as pessoas. Ela surge disfarçada nos mais contraditórios sentimentos: amor, ódio, indiferença real ou fingida, confiança, desconfiança, angústia etc. A comunicação transparente e racional é subvertida pela sua contaminação por processos afetivos que fazem com que a mensagem só possa ser transmitida à custa de muita distorção. Nesse sentido, a transferência não é encontrada somente no domínio da clínica. Políticos, educadores, líderes e todo tipo de relações se vêem afetadas por problemas transferenciais.

Quando Freud, em *A Interpretação dos sonhos* (1900), fala de "pensamentos de transferência", retrata assim um modo de deslocamento em que o desejo inconsciente se exprime e se disfarça através do material fornecido pelos restos pré-conscientes do dia anterior. Ele revela que existe uma técnica que torna possível interpretar os sonhos e que, se esse procedimento for empregado, todo sonho se revela como uma estrutura com significado.

O que Freud trouxe para a ciência com este pensamento? Que os sonhos são da ordem da particularidade, porque dependem de um resto diurno e de uma imagem onírica, passando assim de um acontecimento do cotidiano para uma determinada imagem onírica.

Sabe-se, através dos tempos, que os pensadores antigos consideravam os sonhos como tendo relação com o mundo dos seres super-humanos, nos quais acreditavam, além de constituírem revelações de deuses e demônios. Os sonhos criaram, então, um estatuto de universalidade, qual seja, tinham a finalidade de prever o futuro e fazer revelações sobre o passado.

Essa posição adotada tornava necessário classificá-los em determinados grupos, de acordo com sua importância e seu grau de confiança, sob o ponto de vista uniforme. Freud passou os sonhos para a ciência do particular, revelando a primeira noção de transferência, aquilo que aconteceu de uma determinada maneira e com a qual o sujeito sonha. Um determinado acontecimento real do sujeito se transformou numa imagem distinta, deslocada de lugar, tempo e circunstância.

Historicamente, no que concerne ao conceito de transferência, a obra de Freud percorre um longo caminho desde a publicação dos *Estudos sobre histeria*

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410585/CA

até os trabalhos sobre técnica elaborados por volta de 1915, passando depois pela segunda tópica e chegando à *Análise terminável e interminável* (1937a). Nesse trajeto encontramos alguns pontos essenciais que assinalam vários sinais de ruptura com o anteriormente formulado e suas correspondentes reformulações conceituais, que vão se articular com a totalidade da teoria psicanalítica. Portanto, o conceito de transferência seguirá um longo percurso no campo freudiano.

Freud passou da clínica neurológica aos atendimentos de pacientes histéricas, para as quais prescrevia os tratamentos da época: banhos em estações minerais, banhos de farinha quente, visitas freqüentes etc. Nesse momento de virada de sua clínica, inaugura uma nova perspectiva na direção do tratamento de suas pacientes. Não mais os banhos, as viagens ou as termas são prescritos. O que passa a importar são as palavras dos pacientes, o que é dito, omitido, o que é distorcido e o que é deslocado. Enfim, o discurso passa a ser o fio condutor. Desse modo, estabelece-se a única regra para a prática psicanalítica: há alguém que fala e alguém que ouve com o mesmo valor tudo o que lhe é dito.

Trata-se da regra da associação livre. Para Freud, no interior dessas associações livres, imagens e sonhos, sintomas, chistes e atos falhos, uma verdade emerge.

> Nossos atos falhados são atos que são bem sucedidos, nossas palavras que tropeçam são palavras que confessam. Eles, elas, revelam uma verdade de detrás. (Lacan, 1953-54, p. 302).

Sabemos que a obra lacaniana se constitui num propósito de retorno aos textos de Freud. Parti das vertentes essenciais de Freud, visando a uma aproximação com as idéias de Lacan. No final, meu objetivo será o de tecer algumas considerações sobre a contribuição decisiva de Lacan nesse terreno, mais especificamente sobre o sujeito suposto saber.

Assim, retomando minha argumentação, o que a associação livre oferece a um determinado sujeito? Um lugar das palavras, o livre associar como fundamento da produção do inconsciente. Em sua clínica, Freud começou a perceber que certos pacientes não mais se submetiam à técnica da hipnose e da sugestão, mas gostavam de falar sobre suas doenças. Resolveu, então, oferecer sua escuta ao doente e o deixou falar na dimensão daquele que padece, marcando um princípio da importância da fala no tratamento. Percebeu que as palavras não têm

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410585/CA

nunca um sentido único, mas envolvem muitos sentidos. Essa pluralidade de sentidos comporta ambigüidades e equívocos. É justamente nesse ponto, acerca da problemática do sentido, significado e significante, que Lacan buscará auxílio na lingüística para afiar sua análise do inconsciente.

Freud ultrapassou a rígida dicotomia normal/patológico, então preponderante na psiquiatria do século XIX, ao formular que a loucura não é uma antinatureza ou representante da monstruosidade humana, mas que se rege também por princípios análogos ao do pensamento dito normal.

Com o estudo do inconsciente, Freud (1915) marcou uma ruptura com o saber vigente à época em relação à subjetividade, que deixa de ser entendida como um todo unitário racional, identificada com a consciência sob o domínio da razão, para ser uma realidade compreendida em dois sistemas: sistema pré-consciente-consciente e sistema inconsciente:

> ... o sistema Pcs participa das características do sistema Cs... a censura rigorosa exerce sua função no ponto de transição do Ics para o Pcs (ou Cs). (p. 199).

Ao inventar a noção do inconsciente, Freud enfrentou pelo menos dois grandes problemas. O primeiro foi a impossibilidade de apresentar sua descoberta para a ciência do seu tempo e obter o reconhecimento de seus contemporâneos. Ao tentar justificar a realidade efetiva do inconsciente, depara-se com o fato de que sua hipótese é contrária a qualquer tipo de verificação. O inconsciente não pode dar-se numa evidência, mesmo no caso do tratamento analítico.

O segundo problema é afirmar o caráter psíquico de sua descoberta, diferenciando-o do fenômeno fisiológico. Freud buscou os conhecimentos filosóficos e considerou que o inconsciente é constituído de representações que dão o estatuto do ser psíquico. Afirma, pois, o caráter psíquico do inconsciente, com uma dinâmica, uma consistência, uma tópica e uma economia. Para isso, recorre à noção de representação, cuja importância na conceituação do inconsciente, Moustapha Safouan comenta:

> Esse termo [*Vorstellung* = representação] desempenhou na filosofia alemã um papel considerável, que lhe conferiu ressonâncias a que Freud não poderia permanecer alheio, que mais não fosse, por ter assistido ao curso ministrado exatamente por aquele a quem *Vorstellung* iria dever parte de sua sorte, a saber, Franz Brentano... Brentano buscava uma propriedade que distinguisse os fenômenos psíquicos dos fenômenos fisiológicos e a havia encontrado naquilo que os escolásticos chamavam de *inexistentia*: o que não quer dizer

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410585/CA

> "inexistência", mas sim "existência em"... (Safouan, apud Juranville, 1987, p. 23).

No texto "Sobre o início do tratamento" (1913), encontramos que, se o sofrimento é a força motivadora para alguém que busca um tratamento, a transferência é o prévio necessário ao início da análise. A esse respeito, Freud chama a atenção de que a força motivadora para o tratamento é diminuída pelo que se denomina "lucro secundário da doença". O sofrimento, por si só, não é suficiente para engajar o sujeito numa cura.

Freud dá duas razões pelas quais o sofrimento não é uma força motivadora suficiente para livrar o paciente da doença: primeiro, ele não sabe que caminho seguir para chegar a esse fim; e, segundo, não possui a energia necessária para se opor às resistências. O tratamento analítico ajuda o paciente a enfrentar ambos os problemas. E para isso é indispensável à mobilização das energias que estão prontas para a transferência. O trabalho só merece o nome de psicanálise "... se a intensidade da transferência foi utilizada para a superação das resistências" (Ibid., p. 186).

Acompanhemos a síntese que Daniel Lagache (1980) faz da "Psicoterapia da histeria", último capitulo dos *Estudos sobre a histeria*. Para ele, esses estudos põem em evidência os seguintes pontos:

a) a transferência é um fenômeno freqüente e até mesmo regular; toda reivindicação em direção à pessoa do médico é uma transferência, e o paciente é afetado a cada ocasião nova;

b) o mecanismo de transferência supõe:

- o passado, o recalcamento de um desejo;
- no presente e na relação com o médico, o despertar do mesmo esforço que originalmente forçou o paciente a desprezar esse desejo clandestino.

Lagache conclui que o mecanismo da transferência é, então, uma "conexão falsa", um "casamento desigual". Relaciona o desejo recalcado, aquele cuja reprodução constitui a transferência, a uma figura originária, cujo lugar é então tomado pela "pessoa do médico".

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410585/CA

Freud percebeu que o aparecimento de sentimentos e desejos eróticos de seus pacientes para com ele interferia e perturbava o trabalho analítico. A transferência, eixo fundamental de reflexão na clínica operava, por um lado, como fator de êxito e, por outro, como o mais poderoso agente de resistência. Ele escreve:

> À primeira vista, parece ser uma imensa desvantagem, para a psicanálise como método, que aquilo que alhures constitui o fator mais forte no sentido do sucesso nela se transforme no mais poderoso meio de resistência. (Freud, 1912 b, p. 135).
> .

A partir daí, Freud percebe que esse fenômeno criava uma força que levava o paciente ao trabalho de não recordar o passado e que fazê-lo tornava-se doloroso. Os pacientes reproduziam na relação com o analista sentimentos oriundos de suas relações mais primitivas, em especial com as figuras parentais. As relações se marcavam por sentimentos de amor e ódio[35] , a ponto de obstaculizar ou, até mesmo, interromper o tratamento. Como se apresenta a transferência na clínica freudiana?

Freud considerou três formas de transferência. A primeira é a que identifica a transferência com a função da repetição. A segunda identifica a transferência com a resistência. E a terceira, com a sugestão.

Vejamos a primeira forma, ou seja, a que identifica a transferência com a repetição. Freud foi o primeiro médico a acreditar nos sofrimentos comunicados por seus pacientes neuróticos nos termos por estes colocados, e a postular que os sintomas não se constituem por acaso, mas são os produtos finais de um processo simbólico que cabe decifrar, a fim de que sejam apreendidos como objeto de interpretação. Nesse sentido era absoluta a diferença entre ele e seus contemporâneos, pois estes não davam ao sintoma neurótico importância, considerando-o secundário, devendo ser eliminado.

Na obra de Freud, as dificuldades mentais foram postulados em termos de representação e de força psíquica, conectados a certos princípios. A transferência como repetição aparece quando se define a implicação do analista no processamento do dispositivo analítico. É tomada como testemunha do

---

[35] Lacan cunhou o neologismo *hainamoration,* que se poderia traduzir por amódio, significante novo para dar conta do enamoramento feito de amor e ódio.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410585/CA

aparecimento do inconsciente no tratamento, um momento de prova, revelando que não há exterioridade do analista em relação ao inconsciente.

Lacan retomou esse tema em diversos momentos de sua obra para estabelecer uma diferenciação entre transferência e repetição. Enquanto a transferência abrange certo tipo de fenômenos da ordem do imaginário, "... não é nada de real no sujeito...", a repetição é da ordem de outro registro, aparece como encontro malogrado com o real (Lacan, 1951, p. 224). Assim, a transferência corresponderia a um momento de fechamento ou de resistência na cura que se manifestaria sobre a forma de enamoramento.

Freud, preocupado com o manejo da transferência na clínica, aconselha aos iniciantes interpretar somente quando a transferência já teve início, pois a emergência desse fenômeno assinala que processos inconscientes foram ativados O segundo aspecto ou forma de transferência diferenciada por Freud é a transferência como resistência. Foi em *A Interpretação dos sonhos* que ele deu a primeira definição de resistência: "... tudo o que interrompe o progresso do trabalho analítico é uma resistência" (1900, p. 551). Ele não se refere aqui aos sintomas, mas sim ao próprio tratamento. Trata-se de trabalho que pode ser definido pela sua forma, como a associação verbal submetida à regra da associação livre. E, já que Freud faz a análise dos sonhos, o trabalho é o da revelação do inconsciente. Assim, a resistência faz o paciente interromper suas associações e desviar seus pensamentos para a figura do analista. Daí ensinar que:

> ... se as associações de um paciente faltam, a interrupção pode invariavelmente ser removida pela garantia de que ele está sendo dominado, momentaneamente, por uma associação relacionada com o próprio médico ou algo a este vinculado (Freud, 1912 b, p. 135).

A transferência surge como resistência ou, mais ainda, "... como a resistência mais poderosa no tratamento" (Ibid., p. 135). Nesse sentido, ao provocar a interrupção da comunicação do inconsciente, a transferência revela seu caráter de resistência. Ao invés de significar a passagem de poderes ao inconsciente, a transferência é o seu fechamento. Então, a transferência deve ser entendida tanto como o *modus operandi* da psicanálise ou mola mestra da cura quanto como resistência ou breque para as associações inconscientes. A análise se faz, em certo sentido, graças à transferência; em outro sentido, apesar da

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410585/CA

transferência. Ela tem essa dupla face: a face mediante a qual se identifica com a repetição inconsciente e a face mediante a qual se identifica, pelo contrário, com a resistência.

O inconsciente aparece como um repertório da *Commedia dell´arte,* no qual há personagens muito tipificados: Pantaleão, Polichinelo, Arlequim, Colombina... Com esses personagens podem ser reproduzidas todas as situações da existência. Para cada sujeito há um arranjo diferente, há um enredo singular para o qual o analista é convocado a participar. A transferência aparece como uma ilusão, precisamente imaginária, não racional, como um fenômeno aberrante.

Na verdade, a transferência surpreende Freud aparecendo como uma perturbação do processo terapêutico. A prova disso é dada pela elaboração em que se viu forçado a fazer, face ao fracasso da análise de Dora (1905b). Com efeito, o abandono que Dora fez do tratamento pode ser creditado a não interpretação da resistência de transferência, na medida em que Freud ainda não a colocava como um dos instrumentos centrais da direção da cura. O tratamento, que ficou conhecido como *O Caso Dora*, destacou a importância do manejo da transferência na clínica com pacientes histéricas, fazendo avançar a própria elaboração do conceito, na medida em que o analista não é exterior ao inconsciente do paciente. Essa percepção ampliou o conceito de inconsciente e radicalizou a singularidade de cada caso.

A terceira forma da transferência vai aparecer como sugestão, prática que parece ter sido encaminhada por alguns analistas como uma técnica ativa da direção da cura. Esta acepção empresta, por vezes, àquele que escuta um lugar de ascendência na técnica do tratamento. Freud critica esta noção de transferência, esclarecendo que não colabora em nada na revelação do inconsciente e, ao contrário, reforça a resistência ao tratamento.

Entendo por sugestão a forma de influir sobre determinado sujeito mediante os fenômenos transferenciais possíveis. Cabe, portanto, impedir esse poder de sugestionar no trabalho clínico, o que pressupõe que o analista saiba o que é melhor para o seu paciente. Freud assinala que esse é um "sentimento perigoso" para o analista, levando-o a uma ambição terapêutica desmedida e desviando da rota do tratamento. Compara o psicanalista com o cirurgião que coloca os seus sentimentos entre parênteses para se concentrar no objetivo final da cura. Como observa Lacan em *O Seminário, livro 7* (1959-60*)*, uma das

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410585/CA

armadilhas do tratamento se materializa quando o analista deseja o bem do paciente, não sendo a chamada solidariedade humana senão um sinal de identificação, causa de estagnação do processo. O analista não deve responder imediatamente à demanda do paciente de compreensão e de alívio de suas queixas; deve, sim, trabalhar no sentido de que seu sintoma constitua um ciframento e, portanto, algo a ser decifrado na dinâmica da transferência.

Em "Recordar, repetir e elaborar" (1914 b), Freud estende o conceito de transferência até fazê-la recobrir toda a dimensão da cura analítica. Postula a produção na experiência analítica de uma nova neurose, a qual denominou neurose de transferência. Essa neurose seria uma conseqüência, um artefato da cura, a doença artificial própria da psicanálise. Afirma que com a psicanálise todos os sintomas adquirem uma nova significação. Isso só se compreende se levarmos em conta que o sintoma é um elemento significante que se dirige ao Outro. Depreende-se daí o lugar que o analista ocupa na cura: situa-se no lugar para onde se dirige o sintoma, é receptor privilegiado e, por isso, o lugar que deve à transferência lhe permite operar sobre o sintoma.

Uma das preocupações da teoria lacaniana é diferenciar radicalmente a transferência da sugestão, embora reconhecendo ao mesmo tempo que resta uma margem de sugestão no manejo da transferência.

Em seu texto *Esboço da psicanálise* (1940), Freud adverte contra o mau uso da posição de poder que a situação transferencial confere ao analista. Ele assinala:

> Por mais que o analista possa ficar tentado a transformar-se num professor, modelo e ideal para as outras pessoas, e criar homens à sua própria imagem, não deve esquecer que essa não é a sua tarefa no relacionamento analítico, e que, na verdade, será desleal a essa tarefa se permitir-se ser levado por suas inclinações (p. 202).

Fica consignado assim o cuidado, a delicadeza e o rigor com que uma análise deve ser conduzida. A posição do analista é uma posição de poder, mas um poder ao qual ele renuncia, pois "... quando se dota um homem de poder, é difícil para ele não utilizá-lo mal" (Freud, 1937a, p. 283). Essa é uma posição de princípio cujo estatuto é essencialmente ético. Mas não é uma posição tomada sem sublinhar a dificuldade de sustentar a renúncia a um poder imaginário que lhe é dado.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410585/CA

Ecoando a advertência sobre a renúncia forçada a que todo analista está submetido, Lacan observa que o desejo do sujeito em análise deve ser guiado, não na direção do analista, mas em direção de outro: "Amadurecemos o desejo do sujeito para um outro que não somos nós" (1958-59, p. 80) Lacan resgata o conceito de transferência, criticando as deformações produzidas pelos seguidores de Freud, que teriam mesmo ocasionado "modificações de objetivo e técnica". A técnica não seria senão uma extensão da teoria, uma extensão do conceito elaborado por Freud:

> Afirmamos, quanto a nós, que a técnica não pode ser compreendida nem corretamente aplicada, portanto, quando se desconhece os conceitos que a fundamentam. Nossa tarefa será de demonstrar que esses conceitos só adquirem pleno sentido ao se orientarem num campo da linguagem, ao se ordenarem na função da fala (Lacan, 1953, p. 247).

Uma comparação muito corrente entre os pós - freudianos foi a do analista como um espelho sem jaça ou como uma espécie de tela em branco na qual o paciente projetava livremente suas fantasias. Lacan (1958-59) contesta essa concepção. Se o analista, diz ele, não responde à demanda, é para preservar o vazio onde o desejo se determina no Outro, limitando-se a ser apenas o espaço onde ressoa o *che vuoi?*

Em decorrência, cai a concepção da transferência como dinâmica intersubjetiva. O analista não entra na relação como um outro, mas ele ocupa o lugar do Outro como lugar da linguagem. Há então apenas um sujeito em questão.

No texto de 1920, *Além do princípio de prazer*, Freud distingue a psicanálise como a arte de interpretar as resistências. Propõe ao paciente repetir o recalcado como uma experiência atual em vez de recordá-lo. E ensina: "O inconsciente... não oferece resistência alguma aos esforços do tratamento" (p. 32). Daí se depreende que o inconsciente freudiano enquanto tal não resiste. As resistências provêm do eu, não do recalcado.

A conceituação de transferência sofreu uma transformação de Freud a Lacan. Se, por um lado, Lacan é estritamente freudiano, por outro inova, situando no fundamento da transferência uma função inédita em Freud: a do sujeito suposto saber. A partir de 1953, Lacan vai situar a dimensão significante da transferência em "Função e campo da palavra...", quando fala da transferência ao saber. De que modo? Trata-se de uma ilusão, na qual o sujeito acredita que sua verdade já esteja

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410585/CA

dada ao analista e que, portanto, ele a conhece de antemão. Estabelece-se aí um engano que é imanente à própria entrada no processo analítico. Essa subjetividade, correlata ao saber como efeito constituinte da transferência, é o que Lacan formulará como sujeito suposto ao saber. Ele comenta:

> De cada vez que essa função pode ser, para o sujeito, encarnada em quem quer que seja, analista ou não, resulta da definição que venho lhes dar que a transferência já está então fundada (1964a, p. 220).

O analista não deve, portanto, se identificar com essa posição de saber, que é um equívoco, posição que lhe atribui o paciente; o lugar do analista não é o de saber, nem tampouco o de compreender, pois se há algo que ele deve saber é que a comunicação é baseada no mal-entendido. A posição do analista é muito mais do que a posição de saber, é uma posição de ignorância. Trata-se de um tipo particular de ignorância, ignorância douta, uma expressão cunhada no século XV por Nicolau di Cusa. Não é uma simples ignorância, mas, nos termos desse autor, é "o saber mais elevado que conhece seus limites". [24] (Lacan 1971-72, p. 12). A "ignorância douta" é um convite à prudência e à humildade e, ao mesmo tempo, um alerta contra qualquer veleidade do analista em se pretender dono de um saber absoluto.

No artigo "Intervenção sobre transferência", já citado, Lacan retoma o caso Dora, para definir a transferência "em termos de pura dialética" e chamar a atenção para a série de "inversões dialéticas" operadas por Freud no desenvolvimento da cura. Para Lacan (1951) a transferência indica os momentos de errância e de orientação, colocando os marcos de referência para um manejo preciso: "um não-agir positivo, com vistas à ortodramatização da subjetividade do paciente" (p. 225).

Depreende-se desse desenvolvimento que a transferência interessa à totalidade da situação analítica. Não se trata tão somente de uma questão técnica, mas, sobretudo de uma ética. Que se fale livremente, que a associação seja livre, implica um paradoxo. Primeiro, que nem tudo se pode dizer, nem tudo pode ser traduzido em palavras, o que foi devidamente observado por Freud quando falou do umbigo do sonho, esse ponto do real fora da linguagem; segundo, porque

---

2 [4]Em *O saber do psicanalista* (1971-72), inédito, encontra-se uma instigante discussão sobre o assunto.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410585/CA

associar livremente significa deixar-se levar pelo inconsciente, sem censuras nem omissões, não resistir , o que implica em reconhecer esse assujeitamento às leis do seu funcionamento, exatamente como Freud demonstrou na referida *Ciência dos sonhos* (1900).

Recordemos que em Lacan (1953-54) introduz o termo pivô que, posteriormente, aparecerá relacionado ao sujeito suposto saber, eixo no qual se articula tudo o que se relaciona com a transferência. O termo pivô aparece referido à questão da reconstrução em análise. A história do sujeito não vale por si mesma, mas sim o que dela ele reconstrói. A ênfase está posta não sobre uma reconstituição factual do passado e sim sobre a face da reconstrução.

Em *O Seminário, livro 8* (1960-61), Lacan anuncia que tratará a transferência em sua disparidade subjetiva, sua pretensa situação e suas excursões técnicas. É mister implicá-la a uma experiência. Diz ele: "No começo da experiência analítica, vamos lembrar, foi o amor" (p. 12).

Essa dupla dimensão da transferência, vetor de cura e resistência, está ligada à questão do amor, chamado por Freud amor de transferência. Nesse sentido, a transferência se opõe à rememoração, corresponde a um momento de fechamento do inconsciente. Interrompidas as associações livres, o paciente se volta para a figura do analista. É uma situação artificial, provocada pela situação analítica. É esse o sentido da chamada neurose de transferência, neurose artificial, um artefato do tratamento analítico. Ela resulta do entendimento de Freud de que não se pode analisar uma situação *in absentia*, isto é, a presentificação ou repetição do conflito na transferência é essencial para que possa ser trabalhada na direção da cura. O amor de transferência é uma repetição de condutas inscritas no sujeito. Isso vale para todo amor. Não existe, segundo Freud, amor que não tenha seu protótipo na infância.

A vida é fundamentalmente uma repetição. Embora tenhamos uma ilusão do novo, estamos capturados por um número limitado de significantes. Precisamos de uma psicanálise para notar o quão estreitos são esses limites. A transferência enquanto demanda de amor conduz à identificação (vínculo primordial de amor) e ao poder da sugestão. O desejo (enigmático) do analista torna possível uma superação do plano da identificação, abrindo a senda para a emergência do desejo do sujeito.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410585/CA

Não é à toa que Lacan abre o seminário *A transferência* com um longo comentário de *O Banquete*, de Platão. *O Banquete*, também conhecido como *Do Amor,* propicia a Lacan uma reflexão sobre a problemática da transferência e sobre o que ele considera o seu princípio constitutivo, ou seja, o sujeito suposto saber. O acento é colocado sobre a relação entre Sócrates e Alcebíades. A analogia é entre o psicanalista e o pai da filosofia.

Para Lacan, a figura de Sócrates faz emergir uma nova relação com o desejo. Pela primeira vez na história ocidental, o desejo do outro é colocado na posição de objeto. Sócrates não se deixa envolver no jogo de sedução proposto por Alcebíades. Sabedor da tapeação do amor, Sócrates joga por um instante esse jogo, antes de desviar o outro para o objeto de seu desejo: o jovem Agatão. Lacan mostra que ao logro oferecido pelo amor, Sócrates responde com uma interpretação. A astúcia de Alcebíades _ e do paciente _ é enredar o outro na trama do seu desejo. Mas Sócrates não é inocente desse amor. Ele se recusa a entrar no jogo, pois sabe que o outro quer capturar o seu desejo. O outro se faz amável para ser amado. A essa demanda, Sócrates responde que nada há de amável nele. Assim, a substituição do amado (*érôménos*) pelo amante (*érastès)* não acontece nele, não se produzindo a metáfora do amor. Ao persuadir o analista de que ele tem o que pode completá-lo, o analisante desconhece o que lhe falta.

A recusa do analista em satisfazer a demanda do analisante, como Platão mostra no *Banquete,* abre a senda do desejo. Sua essência é esse oco, um vazio estrutural. O analista serve de suporte a um desejo velado, ele é um *che vuoi* ? encarnado.

A originalidade do comentário de Lacan consiste em colocar Sócrates no lugar daquele que interpreta o desejo de seus discípulos. Colocado no lugar do analista, Sócrates indica a Alcebíades que o verdadeiro objeto do desejo deste não é ele, Sócrates, mas Agatão. Nisso consiste a transferência, um artifício feito da mesma matéria que o amor comum, que se refere inconscientemente a um objeto que reflete outro.

Nesse mesmo seminário, Lacan desenvolve a função "desejo do analista" como operador fundamental da cura. O desejo do analista não é um desejo experimentado pelo analista, mas tem o sentido de um lugar, um ponto na estrutura analítica. É um ponto que causa, que suscita o desenvolvimento da

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410585/CA

transferência. É o lugar a partir do qual o analista deve se situar para operar na direção da cura.

Que a transferência seja apenas a sombra de um amor passado que se repete, que ela remeta às fantasias do paciente e que ela implique em impasse de trabalho e seja ao mesmo tempo motor da cura, essa era a convicção de Freud (1912b). Contudo, se quisermos apreender em que sentido a transferência pode inaugurar uma dinâmica psíquica, devemos ultrapassar o fato em si da repetição, "Se a transferência é apenas repetição", diz Lacan, "ela será repetição, sempre da mesma rata" (1964, p. 137). Cabe, portanto, insistir num certo aspecto daquilo que é da ordem da repetição e que é a relação da demanda, cuja base é a demanda de amor.

Lacan funda a transferência no próprio dispositivo da cura, como resultado da regra principal da psicanálise. Escreve:

> O que é que pode, no final das contas levar o paciente a recorrer ao analista para lhe pedir algo que ele chama saúde, quando seu sintoma _ a teoria nos diz isto _ é feito para lhe trazer certas satisfações? (Ibid., p. 131).

Mas parece que a demanda assume o sentido pleno na transferência: o sujeito acredita que o analista pode-lhe assegurar a saúde, porque ele sabe. Lacan fala, então, do sujeito suposto saber. De que maneira? O sujeito suposto saber é uma dedução que está na própria lógica da prática psicanalítica, que inicia com o convite que se faz ao paciente para dizer tudo que lhe vem à cabeça, sem reter nada. O sujeito suposto saber é uma decorrência desse procedimento: "Desde que haja em algum lugar o sujeito suposto saber... há transferência" (Ibid. ,p. 220).

Desde Freud, essa regra fundamental da psicanálise, a associação livre, o imperativo que se diga, já determinava a direção de um tratamento.

Para Lacan existe abertura à transferência pelo simples fato de que o paciente se entrega à associação livre. Busca a verdade sobre si mesmo e sobre o desejo. E busca-a no limite de sua palavra. O analista, com o seu silêncio, provoca o desdobramento da palavra e reenvia o paciente ao caminho de sua busca. O analista não deve identificar-se com o sujeito suposto saber. Este é um efeito da estrutura, equívoco, ilusão fundamental do paciente de que seu saber já está constituído no analista. Como se articula, então, esse efeito com o amor de transferência?

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410585/CA

Pode-se acompanhar nos chamados artigos sobre a técnica (Freud, 1911-15) o desenvolvimento teórico sobre o amor na transferência ou amor de transferência. A pessoa do analista é integrada numa série psíquica cujo protótipo é a imagem parental, mas de acordo com uma dinâmica atual. É o investimento libidinal dessa imago que torna manifestas e atuais as tendências amorosas recalcadas do passado. A transferência desse investimento para o analista é uma arma da resistência. Sua abstinência significa não responder à "impetuosa demanda de amor". Se o analista capitulasse à sedução, o paciente alcançaria o seu objetivo, mas ele nunca alcançaria o seu. Responder à demanda de amor com uma satisfação real levaria à repetição, segundo Freud, do enredo da divertida anedota na qual a família de um corretor de seguro, ateu, moribundo, manda chamar um pastor para convertê-lo antes de morrer. Ao final da entrevista, para decepção de seus parentes, o ateu não se converte, mas o pastor sai com uma apólice de seguro debaixo do braço.

Freud conclui que a transferência amorosa deve ser tratada como algo não real e, portanto, seria desastroso para o tratamento que fosse satisfeita na cura. Aos motivos de ordem ética unem-se os de ordem técnica.

Ao invés de responder ou satisfazer à demanda, o analista deve perseverar na direção da cura; em troca das fixações infantis, deve encaminhar o paciente para as exigências da vida real. A direção da cura é prototípica do encontro do sujeito com o seu desejo inconsciente.

Falar no desejo do analista não é falar de um desejo pessoal. É uma função que está em jogo, uma função situada no registro do Outro. É essencial ao desejo ser mediatizado pelo Outro. O desejo do analista é uma função essencial para a confissão do desejo como exigência de reconhecimento. "O desejo do analista é o que, em último termo, opera na psicanálise" (Lacan, 1964 b, p. 868).

No seminário inédito sobre *A identificação* (1961-62), Lacan abre uma nova perspectiva. A transferência aparece como a materialização de uma operação que se relaciona com o engano e mediante a qual o analisante instala o analista na posição de sujeito suposto saber. A estrutura da situação analítica tem como conseqüência imediata a transferência, cujo pivô é o sujeito suposto saber.

Mas, embora Lacan tenha introduzido a fórmula nas duas primeiras lições de *A identificação*, é somente a partir de 1964, no seminário *Os quatro conceitos...*, que o sujeito suposto saber vai se tornar eixo ou o pivô da

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410585/CA

transferência. Trata-se de uma fórmula sutil o bastante para admitir interpretações que a modulam em função da evolução da relação de Lacan com o saber do analista. Tanto se pode ler que um sujeito teria um suposto saber, quanto que há um sujeito suposto. No primeiro caso, o sujeito é suposto saber alguma coisa_ o interesse recaí sobre essa alguma coisa a ser sabida; no segundo caso o questionamento é sobre a existência de um sujeito suposto no saber_ se ele é suposto, como poderia saber?

Mesmo mantendo essa dupla polaridade, Lacan privilegia a segunda fórmula_ um saber intransitivo. No seminário inédito... *Ou pior* (*... ou pire,* 1971-72*)*, Lacan assinala que o "sujeito suposto" é um pleonasmo, pois um sujeito não pode ser senão uma hipótese, um suposto, *hypokeimon*, apropriando-se do termo de Aristóteles.

A suposição não é aquela que o sujeito faz supondo o saber ao outro sujeito, suposição que implicaria na intersubjetividade. Do que se trata é de um sujeito suposto no saber do inconsciente, saber esse que articula sem sujeito. Contudo, para que se possam produzir efeitos no analisante é preciso que um sujeito lhe seja suposto. É, com efeito, uma ilusão necessária para a entrada no dispositivo analítico.

Lacan apresenta o matema da transferência na Proposição de 9 de outubro de 1967.

$$\frac{S \longrightarrow S_q}{s(S^1, S^2, \ldots S^n)}$$

O matema proposto por Lacan busca, com a precisão da escrita, apreender a função que funda a transferência, indicando o momento de entrada em análise. Na parte de cima da barra vemos que um significante (S) se dirige a outro significante qualquer ($S_q$) e, nessa articulação, há suposição de sujeito. Lemos aí que um significante (S) da transferência representa um sujeito para outro significante ($S_q$) dito qualquer nomeável com um nome próprio.

O analista fica reduzido à função de um significante qualquer nessa articulação, como se comprova nos sonhos, nos lapsos etc. Ele pode ser um significante qualquer, não interessa o nome, posição e nem o grau que ele tenha, o

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410585/CA

que interessa é que ele articule essa transitoriedade significante. “O sujeito suposto saber é para nós o pivô a partir do qual se articula tudo o que se relaciona com a transferência” (1967a, p. 33).

Miller (1987) chama a atenção para o significante pivô, chave na definição de Lacan, o qual significa uma pequena peça sobre a qual gira alguma coisa. Essa alguma coisa é a transferência ou, no dizer de Collete Soler (1991), são as modalidades da transferência. A barra representa a substituição significante, metáfora que funda o sujeito. Sob a barra, o *s* representa o sujeito que resulta da articulação, implicando no parêntese um saber, suposto presente, dos significantes no inconsciente.

A associação livre em análise supõe um sujeito e, ao mesmo tempo, porque fala, produz um saber. O inconsciente fala. É nessa articulação que o sujeito, sem saber o que diz, promove um saber. Saber problematizado, questionado, confrontado e colocado à prova. Os significantes primordiais devem ser produzidos pelo sujeito a fim de que ele encontre sua verdade, e tenha que se haver com o seu desejo. Uma análise opera na interpelação desse saber.

A inovação de Lacan _ é ele mesmo quem faz questão de lembrar _ constitui-se na introdução da função da fala e da linguagem na experiência psicanalítica. Trata-se de colocar em evidência o caráter sensível e material do significante. Está em jogo uma materialidade muito particular. Isso vai contra a idéia de subjetividade. Com Lacan estamos do lado da materialidade significante e fora de qualquer empirismo e, portanto, longe da idéia de verificação experimental.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410585/CA

## 3.7
## Psiquiatria e psicanálise

A invenção da psicanálise não poderá deixar de ter impacto sobre o saber e prática psiquiátricos. A formalização de um sujeito do inconsciente e a montagem de um dispositivo terapêutico baseado na escuta alterou ou, pelo menos, introduziu novos elementos à clínica do olhar, cujo pilar era a observação. O desvelamento da cena de caráter sexual como determinante da doença mental permitiu a Freud dar uma fundamentação consistente à sua teoria das neuroses. Pode-se dizer, a esse respeito, que as neuroses ganham um estatuto nosológico

próprio e um lugar na cartografia nosográfica. Mas, qual seria a relação entre a psiquiatria e a psicanálise? Haveria complementaridade? Haveria antinomia?

Para entrar nessa questão, cuja importância é capital para o meu trabalho, nada melhor do que recorrer ao artigo que Freud dedicou ao tema nas suas *Conferências introdutórias* (1916-17). Esse artigo tem uma estrutura muito interessante e, diria mesmo, uma dialética exemplar do raciocínio clínico do mestre. Ao mesmo tempo em que aproxima, assinala as diferenças entre psiquiatria e psicanálise.

Uma analogia de que Freud lança mão parece interessante para balizar essa relação na qual, assevera, nada na natureza do trabalho psiquiátrico se opõe à investigação psicanalítica. A psicanálise se relaciona com a psiquiatria da mesma forma que a histologia se relaciona com a anatomia: esta estuda a forma externa dos órgãos e aquela sua estruturação em tecidos e células. E Freud aproveita para observar que a resistência à psicanálise seria semelhante àquela que, em outros tempos, impedia os estudos anatômicos. Se antes o corpo humano era da ordem do sagrado e a dissecação dos cadáveres era uma profanação, agora o estudo dos mecanismos da psique humana suscita o mesmo tipo de resistência.

Mas se há relação e se a natureza dos trabalhos de investigação do psiquiatra e do psicanalista não são incompatíveis, pode-se dizer, igualmente, que não têm a mesma estrutura.

Um primeiro aspecto a considerar é o relativo à demanda. A demanda feita ao psiquiatra é frequentemente de natureza social. Não são, em geral, os pacientes que escolhem o médico, o ambulatório ou o hospital. Frequentemente são trazidos pela família, vizinhos ou até pela autoridade pública. Nestes casos mais que o sofrimento ou a doença, é uma dificuldade de adaptação social que determina a demanda, seja de um tratamento ambulatorial, seja de uma internação. Há também pacientes que escolhem o hospital como um refúgio para se colocarem, eles próprios, ao abrigo da loucura. São pacientes que escolhem tão bem esse refúgio que o hospital se torna a sua doença. Acabam doentes do próprio hospital psiquiátrico. Ou, pelo menos, se acomodam sintomaticamente nele num regime de cumplicidades compartilhadas e ganhos secundários. Para Mannoni (1981), o perigo está em que o paciente se deixe assimilar inteiramente ao uniforme asilar, "não significando mais para o outro senão a pura vestimenta de um louco" (p. 46). Daí a preocupação dessa autora em fazer o sintoma falar sua verdade, pois no

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410585/CA

asilo "... tudo é concebido para que a loucura cesse de falar" (p. 63). Se, ainda assim, insiste em gritar, deve se enquadrar nos costumes e na linguagem do asilo. A ordem que cuida é a mesma que segrega e aliena. Nesse contexto, não são estranhas as chamadas recaídas em seguida às altas: faltaria ao médico colocar em xeque a posição ocupada pelo sujeito dentro do sintoma.

A demanda dirigida ao psicanalista é parte de um movimento próprio do sujeito e não de terceiros. É uma escolha que implica uma primeira interpretação de seu sofrimento. Talvez seja precipitado dizer que o sujeito traz de início o seu sintoma. Ele traz uma queixa, um sofrimento, um mal-estar. O sintoma é uma construção do trabalho analítico e uma forma de amarração no real.

Se a demanda psiquiátrica é essencialmente diferente daquela feita ao psicanalista, deve-se acrescentar que também o sintoma não é o mesmo nos dois campos. O sintoma psiquiátrico é constituído pelo psiquiatra. Como assinalei anteriormente, o psiquiatra trabalha segundo o paradigma da História Natural. Seu método é o do botânico no jardim das espécies: reúne, observa, descreve, classifica e dá um nome. É a clínica do olhar.

De certa maneira, essa descrição continua válida em nossos dias. Mas não há como desconhecer as mudanças que o "dinamismo farmacêutico" (Lacan, 1967b) introduziu nos últimos 50 anos. A queixa, ouvida e decodificada com base no que a pesquisa farmacológica informa, recebe como resposta uma prescrição medicamentosa. Segundo Coser (2006), a indústria farmacêutica passa a presidir a produção de um saber que define as condutas médicas a serem tomadas. A introdução da clorpromazina teria inaugurado uma nova era na qual "... a produção industrial suscita e define os saberes, as técnicas, os usos, hábitos, estilos e modos de abordagem do sofrimento psiquico" (p. 37). O autor apropria-se de uma expressão, "psicofarmacologia cosmética", para designar o emprego de fármacos para enfrentar as dificuldades ou vicissitudes da vida, sem psicopatologia definida, visando uma remoção química da queixa. Isto estaria levando a tal manipulação de corpos e mentes que chegaria ao paroxismo de uma "cosmética comportamental psicofarmacológica", com interferência em diversos aspectos da existência, da angústia ao sono, do humor ao desempenho sexual (p.38). Esse processo, cada vez mais abrangente e implacável, tem mudado o perfil do campo psiquiátrico, ao enquadrar a dor de existir no modelo médico, instaurando uma verdadeira "instrumentalização geral da vida e do viver" (p. 42).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410585/CA

As transformações acima aludidas ganharam força principalmente a partir da hegemonia do Manual de Diagnóstico e Estatística da Associação Norte-Americana de Psiquiatria (DSM) e da Classificação Internacional das Doenças (CID). O curioso é que o DSM nasce do propósito de um grupo de pesquisadores de estabelecer, nos anos de 1970, uma padronização da linguagem e dos critérios diagnósticos, para fins de pesquisa. O sucesso desse empreendimento levou a Associação Norte-Americana de Psiquiatria a desenvolver o DSM III, lançado em 1980, com a ambição de fazer uma leitura declaradamente sindrômica e a-teórica da clínica. Com a disseminação dessa leitura e sua hegemonia como código internacional, em escala global, ocorreu um movimento de reformulação das categorias nosológicas então vigentes, imprimindo uma nova cartografia do campo psiquiátrico. Entre as conseqüências, ocorreu a eliminação da neurose como categoria diagnóstica da psiquiatria. Para Coser, essa reestruturação do campo psiquiátrico se acompanhou de uma estratégia de biologização dos distúrbios da personalidade, nova categoria que passou a abrigar os quadros neuróticos. Na prática, essa reestruturação redundou no abandono da clínica e na rendição da psiquiatria, e da medicina em geral, aos ditames da indústria farmacêutica.

Essa rendição não vitimou apenas os psiquiatras, mas comprometeria igualmente grande parcela de psicanalistas. Assim, Quinet (2006) adverte sobre o equívoco de abandonar a referência às estruturas clínicas (neurose, psicose e perversão) e não considerar a posição do sujeito no Édipo, a relação à castração Nas suas palavras: “restituir a função diagnóstica no tratamento psiquiátrico a partir da clínica psicanalítica é restituir a clínica do caso e retificar o processo em que se avalia, se diagnostica, para em seguida pensar no tratamento _ tal como Lacan fez em relação à psicanálise” (p. 12).

O evidente reducionismo, pragmatismo e objetivação que assaltam a clínica na contemporaneidade não cegam, felizmente, todos aqueles que, psiquiatras ou psicanalistas, sustentam a bandeira de uma prática alicerçada igualmente no que de melhor a tradição psiquiátrica nos legou, isto é, categorias nosográficas precisas, e em uma abertura a novos dispositivos de tratamento que superem antigas formas de segregação. Assim, Coser (2006), Brasil (2001) e Cavalcanti (1997) propõem uma discussão sobre o significado do tratar em psiquiatria, resgatando o vigor da clínica degradado nos últimos tempos. Em

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410585/CA

nossa era de incertezas, Cavalcanti identifica um grande risco na psiquiatria de demissão do mandato terapêutico que lhe cabe. Ao não perceber a especificidade de sua lida e, muitas vezes, reduzir os casos de loucura a "casos sociais", o psiquiatra abandonaria seu paciente, deixando-o desassistido, fazendo uma discriminação às avessas. Para ela, continua necessário sustentar o projeto de cura: todo louco é passível de tratamento. E esse tratamento não poderia prescindir da contribuição fundamental da psicanálise: a escuta da verdade contida na fala de todo sujeito. Na mesma linha, Brasil (2001) constata que, no modelo atual, os distúrbios são suportes de uma classificação que não leva em conta a subjetividade. E assevera: "eles [os pacientes] são acometidos de alguma coisa, não estão implicados nisso. Tudo se passa como se estivéssemos diante de uma doença infecciosa, por exemplo, em que o germe e o infectado fossem duas entidades de ordens distintas" (p.75). Entendendo que não haverá nenhuma mudança consistente no tratar em psiquiatria se não houver igualmente uma mudança na orientação do perfil profissional, Brasil propõe um novo dispositivo de formação do psiquiatra no qual a universalização médica seja superada por uma clínica da singularidade.

Diferentemente do que ocorre na psiquiatria, o sintoma psicanalítico só existe enquanto tal se falado pelo próprio paciente. É uma clínica feita pelos pacientes, resulta de seu discurso e ganha sentido no dispositivo analítico. Por se constituir nesse dispositivo, no endereçamento ao psicanalista, pode se dizer que este faz parte do sintoma. Daí resulta que o primeiro momento da experiência analítica se traduz por uma reorganização do sintoma em que o psicanalista é incluído.

Lacan (1974-75) define a clínica como "o real enquanto impossível de suportar". O real não tem o mesmo sentido na psiquiatria e na psicanálise. Na psicanálise, trata-se de um impossível de suportar para o sujeito; na psiquiatria é o impossível de suportar par o corpo social. Os dois podem se recobrir em certos pontos e por isso psiquiatras e psicanalistas têm interesse em trabalhar juntos, mesmo que suas responsabilidades não sejam as mesmas.

A idéia de cura da psiquiatria está ligada a certa concepção de normalização, de supressão dos sintomas e de readaptação social do paciente. Cura psicanalítica é um processo, é uma direção, implica uma retificação subjetiva e o redirecionamento do sujeito no caminho do desejo.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410585/CA

A ética da psicanálise é a ética do desejo. Não ceder de seu desejo deve ser a orientação de todo psicanalista. O sintoma fala de um desejo e por isso não deve ser suprimido. *Furor curandis* é como Freud nomeou o empenho de curar a qualquer preço, a vontade de silenciar o sintoma em lugar de fazê-lo contar a sua verdade.

A importância do sintoma não se limita à neurose. Freud (1924) não recua também em relação à necessidade de extrair dos fenômenos psicóticos o seu sentido. Ele distingue dois momentos da psicose: primeiro, a perda da realidade, o isolamento, o rompimento dos vínculos libidinais com o mundo; segundo, a criação de uma nova realidade no lugar daquela que foi perdida. O primeiro momento é o da eclosão da doença propriamente dita, enquanto que o segundo, a criação de uma realidade nova, delirante, remendo no lugar em que se esgarçou a relação do sujeito com o mundo, seria o de uma tentativa de cura.

Dois termos devem ser destacados na argumentação que faço nesse trabalho: determinismo e responsabilidade. Lacan adverte que somos sempre responsáveis por nossa posição de sujeito (Lacan, 1965-66). Não há ressalvas. Não há nenhuma exceção. Nem mesmo para o psicótico que tanto responsabiliza o Outro se eximindo de sua posição subjetiva. Afirmar a responsabilidade do louco é tratá-lo como sujeito e não cair na cilada da norma social que, ao desresponsabilizá-lo pelos seus atos, ignora sua posição de sujeito e o reduz a condição de objeto do Outro.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410585/CA